

NÚCLEO de DRAMA TURGIA

SEST Paraná

ANO 2 VOLUME 2

Odiar um Próximo como ouvi Mesmo Sócrates Fusinato

Hereditário Paulo Renato

É só um Experimento Mental Emanuelle Sotomayor

Colônia Angélica Rodrigues

6 segundos Eliane Karas

núcleo de dramaturgia sesi paraná curitiba



Odiar um próximo como um si mesmo
Sócrates Fusinato

Hereditário
Paulo Renato Oliveira

É só um experimento mental
Emanuelle Sotoski

Colônia
Angélica Rodrigues

6 Segundos
Eliane Karas

ANO 2 VOLUME 2

Curitiba Paraná Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná

Presidente da FIEP
Edson Campgnolo

Diretor Superintendente SESI PR
Jose Antonio Fares

Os direitos de reprodução, de adaptação ou de tradução desta guia são reservados ao SESI - Departamento Regional do Paraná, inclusive a reprodução por procedimento mecânico ou eletrônico.

Odiar um próximo como um si mesmo. / Fusinato, Sócrates. Hereditário. / Oliveira, Paulo Renato. É só um experimento mental. / Sotoski, Emanuelle. Colônia. / Rodrigues, Angélica. 6 segundos. / Karas, Eliane. – Curitiba : SESI/PR, 2011.

224 p. ; 20 cm. – (Núcleo de dramaturgia SESI Paraná, v. 2).

ISBN 978-85-61425-57-9

1. Teatro (Literatura). 2. Teatro brasileiro. 3. Literatura paranaense.

I. Fusinato, Sócrates. II. Oliveira, Paulo Renato. III. Sotoski, Emanuelle. IV. Rodrigues, Angélica. V. Karas, Eliane. VI. Títulos.

CDU 792

Direitos Reservados:
SESI – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná
Avenida Cândido de Abreu, 200
CEP 80.530-902 – Curitiba – Paraná
Telefone: (41) 3271 9000

Sumário

Apresentando o projeto	07
Apresentando o Núcleo	09
Parceria Teatro Guaíra	11
Parceria British Council	12
Prefácio	15
Odiar um próximo como um si mesmo	
Sócrates Fusinato	19
Hereditário Paulo Renato Oliveira	51
É só um experimento mental Emanuelle Sotoski	121
Colônia Angélica Rodrigues	145
6 Segundos Eliane Karas	161

as realizações que de uma forma ou outra ajudam a melhorar o cotidiano ou tornar mais promissor o futuro dos cidadãos costumam ter mais resistência ao tempo e, portanto, enriquecem a história de empresas e entidades, independente do seu setor de atuação. Entre elas, a cultura se destaca como uma das atividades que mais impactam a vida das pessoas, porque eleva o conhecimento, abre horizontes e dá prazer ao espírito.

A partir dessa ótica, é possível entender a importância da presença do Sesi Paraná na área cultural. Com o Núcleo de Dramaturgia, a entidade assume o importante papel de apoiar a formação de novos autores teatrais e de aprimorar talentos já em desenvolvimento. E, é claro, de valorizar o público, que tem a oportunidade de conhecer e vivenciar cultura de alta qualidade.

Dispensável dizer que o teatro não existe sem o autor, o que dá a dimensão deste programa, cujo objetivo é contribuir para melhorar a qualidade da dramaturgia no Paraná, com autores que falem dos anseios e angústias de todos nós.

É importante notar que São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram, há pouco mais de uma década, celeiros da dramaturgia contemporânea, com autores reconhecidos no Brasil e no exterior. O nosso Núcleo de Dramaturgia coloca o Paraná nesse circuito criativo ao dar vazão aos talentos da terra e, também, ao atrair para cá, como parte das atividades de formação dos novos autores, dramaturgos consagrados pela crítica e público.

Esta publicação, já na sua segunda edição, traz textos dos novos autores formados pelo Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná e é a clara evidência do excepcional resultado dessa iniciativa.

Boa leitura.

Edson Campagnolo
Presidente do Sistema Federação das Indústrias do Estado do PR

a solidez dos empreendimentos se confirma pela sua continuidade. A continuidade, por sua vez, manifesta-se em trabalhos exitosos. Esse é o panorama que se percebe quando dirigimos a vista ao Núcleo de Dramaturgia, projeto realizado em parceria com o Centro Cultural Teatro Guaíra e apoio do British Council, com coordenação do dramaturgo Marcos Damaceno.

A cada ano, um ávido e crescente número de participantes demonstra interesse em ingressar nesta iniciativa do Serviço Social da Indústria – SESI/PR e, por outro lado, os integrantes precedentes avançam seus trabalhos fortalecidos pela experiência dos anos anteriores.

Apenas em seu terceiro ano de existência, o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná soma diversas montagens dos textos produzidos, dentre os quais, alguns já premiados e, outros, apresentados fora do circuito da capital. Além disso, conta com o reconhecimento da crítica e da imprensa local e nacional que volta os olhos para as novas vozes que aqui surgem. Tem em seu currículo a expansão das oficinas para outras cidades do estado, propagando, ainda mais, o incentivo aos talentosos dramaturgos ainda desconhecidos.

No término dos trabalhos de 2010, mediante a aguda supervisão do diretor e autor Roberto Alvim, os dramaturgos integrantes do Núcleo submeteram seus textos à avaliação de uma curadoria externa, a qual selecionou 18 obras destacadas por sua singularidade e excelência dramática.

Que este projeto de apoio e incentivo à cultura brasileira se robusteça continuamente sem que se extinga seu frescor inicial de conduzir as artes cênicas além de nossas expectativas.

José Antonio Fares
Diretor Superintendente do SESI Paraná

Osurgimento de novos nomes da dramaturgia depende de iniciativas como a que vem sendo proposta pelo SESI/PR., através de seu Núcleo de Dramaturgia.

O Centro Cultural Teatro Guaíra sente-se especialmente honrado em poder contribuir com este projeto.

Parabenizamos a todos os envolvidos neste trabalho e em especial aos selecionados para terem seus trabalhos publicados nesta edição. Que sua trajetória na criação de textos teatrais seja de sucesso. Que este seja apenas um texto entre tantos outros que marcarão seus nomes na história da dramaturgia contemporânea.

Monica Rischbieter

Centro Cultural Teatro Guaíra

É com grande orgulho que o British Council reitera seu apoio ao Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná, cuja série de conquistas e realizações tem nutrido os sonhos de novos dramaturgos, consolidando-se como um pólo de excelência para o florescimento da dramaturgia brasileira.

Esta publicação reflete mais um ano de trabalho desenvolvido pelo Núcleo, sendo uma prova do talento e energia que podemos encontrar no Paraná, cuja voz distinta continua a reverberar.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para educação e relações culturais. Busca estabelecer a troca de experiências e fortalecer laços que resultem em benefícios mútuos entre o Reino Unido e os países onde atua nas áreas de língua inglesa, cultura, esportes e educação. O British Council está presente em mais de 100 países e no Brasil tem escritórios em Brasília, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

13

Jim Scarth
Diretor do British Council, Brasil

Uma revolução está em curso

No Brasil, raras são as políticas culturais que se perpetuam. Isto é catastrófico, posto que a cultura fica ao sabor de eventos, de vontades que variam ao sabor das circunstâncias. É imperioso que projetos bem sucedidos no campo do fomento e desenvolvimento artístico e cultural tenham continuidade, e se coloquem como mecanismos efetivos e estruturantes na construção de nossa produção criativa. Ao final de dois anos, e já em meio ao seu terceiro ano de atividades, o Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná vem afirmando sua vocação (de continuidade na formação e amadurecimento de toda uma geração de autores) de modo decisivo no panorama do teatro paranaense e – sem dúvida – também no panorama do teatro contemporâneo brasileiro.

Há uma revolução – em termos de forma e conteúdo, instâncias indissociáveis aqui – em curso nestas obras. Outros sistemas dramáticos, que nos permitem experienciarmos o tempo, o espaço e a condição humana de modos insuspeitados até então. Estes sistemas, erigidos com originalidade por seus autores, renovam a dramaturgia contemporânea e expandem os limites do teatro – além de desencadearem uma reflexão profunda acerca do modo como vivemos nossas vidas. São novos procedimentos técnicos, que surgem por conta das visões de mundo singulares dos dramaturgos. É como se as técnicas existentes não dessem conta de traduzir e expandir cenicamente estas visões – o que torna incontornável a invenção de procedimentos e operações dramatúrgicas fundantes.

Descrever tais procedimentos é tarefa necessária, mas para tanto será preciso uma publicação teórica específica, haja vista a complexidade do material; por ora, poderíamos apontar algumas operações que saltam aos olhos mediante uma primeira análise:

1- Deslocamentos permanentes, tanto no tempo/espaço quanto nos modos de subjetivação, construindo miríades de trânsitos em contraste e ruído, produzindo experiências singulares e autônomas por parte de cada receptor;

2- Polissemia, através da proposição de signos indecidíveis quanto ao seu significado último, mas poderosos o bastante para instigar

nosso imaginário na procura por seus infinitos sentidos possíveis;

3- Construção de mimeses cognoscíveis como a instauração de solos para saltos em direção a mimeses incognoscíveis (a proposição de novas mitologias, de novos moldes arquetípicos);

4- Outros desenhos da condição humana, que apontam para outras possibilidades de vivenciarmos nossa humanidade (Dramáticas do Transumano), através da criação de arquiteturas linguísticas que transfiguram poeticamente o real e que nos proporcionam outros modos de habitarmos a vida;

5- A crença (operacional para estes autores) na obra de arte como um sistema complexo de relações formais, construído no mais amplo diálogo com sistemas anteriores, que nos proporcione uma experiência estética para além da vivência proporcionada pela cultura de massa.

16

Uma arte só sobrevive na medida em que se reinventa; sempre foi assim na história do teatro, desde Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Shakespeare, Ibsen, Tchekov, Nelson Rodrigues... São estes grandes dramaturgos do passado que nos servem de exemplo (e não de modelos): autores que deram contribuições que ressignificaram completamente a dramaturgia (e a humanidade) em seus períodos de atuação. Não se trata aqui de descobrir o passado, mas sim de inventar o futuro – ecoando, portanto, o impulso criador de todos os mestres de outrora.

As peças produzidas por este grupo de autores (talentosos e comprometidos com sua arte em um nível assustador) estão entre o que há de mais revolucionário na dramaturgia contemporânea internacional, e muito em breve irão conquistar o lugar que lhes é próprio no panorama do teatro do século XXI. Que o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná se perpetue por muitos anos: trabalhamos sob o signo do amor ao teatro, em prol da liberdade artística, procurando ampliar as possibilidades da vida humana para além de qualquer forma ou discurso hegemônico, e não poderíamos estar mais felizes.

Roberto Alvim

SócratesFusinato Odiar umpróximocomoumsimesmo

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



Sócrates Fusinato
Odiar um próximo como um **símesmo**

odiar um próximo como um si mesmo

uma sala uma porta uma mesa duas cadeiras são
três uma professora uma aluna um cadáver

uma professora à cabeceira de uma mesa que sus-
tentava um cadáver uma sirene escolar que tocava uma
professora trabalhava esperava impaciência nos gestos
impaciência aguçada amassa papéis

uma professora – reprovada

uma professora retira do bolso um molho de chaves
procura entre tantas alguma uma porta que
abruptamente abre uma aluna em mãos uma bolsa

uma professora – pensei que não vinha

uma aluna – perdoe o atraso

uma professora – não sou deus

uma porta agora chaveada

uma aluna – desculpe-me oh nobre que tempo valioso
tem a ponto de não tolerar filigranas de atraso

uma professora – agora poeta

uma aluna – paguei a requisição

uma professora – isso dá em parte o direito a estudar
na oitava série não na sétima outra vez

uma aluna – temo

uma professora – outra vez outra vez quando

uma aluna – estudei hoje

uma professora – vista-se decentemente

uma aluna – já estou

uma professora – definitivamente não você se veste

aliás muito mal ou melhor como dá tendo em vista o que
você é vista o jaleco

um jaleco vestido

uma professora – sente-se vejamos onde com por qual
parte começar

uma aluna – mas prova oral

uma professora – sim ah claro antes uma apresentação
objeto de estudo farto no mercado um sem nome em seu
nome levante-se diga olá ao aqui presente entre nós

uma aluna – olá me deseje boa sorte

uma professora – quem

uma aluna – ele que deve na prova aparecer por com-
pleto pra mim ele sem nome nomeado em cada centíme-
tro

uma professora – vamos aos nomes então do sem
nome

uma aluna – preciso ir ao banheiro antes

uma professora – a avaliação já começou

uma aluna – rapidinho

uma professora – qual osso sustenta o joelho

uma aluna – esse

uma professora – toque

uma aluna – esse

uma professora abre um livro compara minuciosamente uma imagem

uma professora – o que você disse está um pouco correto

26

uma aluna – um pouco como

uma professora – o toque não foi preciso invadiu outro território considero correta pela metade

uma aluna – o dedo foi preciso

uma professora – não foi não precisa tocar com mais fervor delimitar bem o território depois dizer o nome

uma aluna – preciso ir ao banheiro

uma professora – não é

uma aluna – sim

uma professora – qual é a região do tronco humano

uma aluna – essa região

uma professora – bastante correta vejo que valeu anos
em uma mesma série veja que valeu

uma aluna – não acho

uma professora – acha o que então que é boa o suficiente pra estar aqui que aqui já deveria ser passado que já devia estar no mercado de trabalho com diploma universitário numa mão com um marido noutra ao lado ao lado na cama todos os dias como quem ajuda a aquecer o ninho café da manhã na cama sexo de manhã crianças indo pra escola lugar que você já deveria ter deixado pra escola crianças que vou ensinar se fossem filhos seus meu deus não deveria estar aqui mas está quer achar coisas no que digo pois digo com dó você sozinha gorda feia

uma aluna – preciso ir ao banheiro

uma professora – gorda retenção de líquidos dá nisso
não

uma aluna – por favor agora

uma professora – a avaliação já começou

uma aluna – agora

uma professora – quem me garante que não tem cola
na sua roupa dentro dela escondida sei lá na calcinha se
bem que ia ser burrice burrice na calcinha quando está
prestes a se molhar de mijo quente frio frígida você

uma aluna – não tenho cola pode me acompanhar se
quiser

uma professora – não posso abandoná-lo

28

uma aluna – por favor

uma professora – sem sair sem deixar o local agora
ocorre uma avaliação

uma professora aponta olhos em um canto da sala

uma aluna urina

uma professora – porca que nem a mãe

uma aluna – obrigada

uma professora – pergunta qual deixe-me ver esse
cadáver não era saudável.....gorda desse jeito você se
acha saudável

uma aluna – não tenho uma vida saudável

uma professora – você é doente

uma aluna – não tenho uma vida saudável

uma professora – acha que um dia acabará assim

uma aluna – tenho família sim

uma professora – ainda enquanto é nova não tardam as perdas uma a uma os queridos se vão ficam as rugas um oceano de olheiras afundando dias não querendo queira ou não o cheiro é de cadáver

uma aluna – um cadáver só

uma professora – por enquanto.....sempre chegam aos montes cadáveres geralmente homens você é mulher mas também serve são jovens mortes inesperadas acidentes de trânsito traumatismo craniano ao voltar de bicicleta da escola atropelamento na saída da escola você daria trabalho na verdade gorda demais nem músculo se vê um bom pedaço podre comida de verme é você

uma aluna – como fácil é cuspir no prato que se come consome burrice isso sustenta você mantém você aqui

hoje avaliando a burrice de mais alguém

uma professora – sua

uma aluna – suo como uma porca um lenço

uma professora estende um lenço

uma professora – gordura

uma aluna – isso tudo aqui

uma professora – não pense em desistir agora

uma aluna – quanto já tirei

uma professora – dois vírgula cinco

uma aluna – menos que nada

uma professora – insuficiente

uma aluna – amanhã continuamos

uma professora – hoje é o dia

uma aluna – estou doente

uma professora – mente que dá dó contorce a espinha

vai pra onde depois daqui

uma aluna – pra casa

uma professora – chorar ou rir

uma aluna murcha emudecimento

uma professora – chorar ou rir

uma aluna – rir se puder isso aqui fede ainda mais

uma professora – falta de controle você descontrolada

foi mal domesticada urina que nem cadela num canto

qualquer qualquer hora quando um colega de classe

passou a mão na bunda se urinou quando descobriram

um consolo em sua mochila se urinou

uma aluna – meu não era

uma professora – quando publicaram fotos do sexo oral

no acampamento da escola se urinou quando jogaram

merda de vaca em cima da cabeça no mesmo acampa-

mento se urinou que estima na vida sobra se mijar se

mijar se mijar

uma aluna – não estou bem

uma professora – mijada

uma aluna – amanhã estarei melhor

uma professora – será tarde com dois vírgula cinco
reprova

uma aluna – próxima questão então

uma professora – estou me cansando seja menos prolixo

uma aluna encara

uma professora – qual músculo permite ao órgão sexual masculino ter ereções

uma aluna – esse

uma professora - mas veja você que fica aqui de cerimônia tem que tocar você consegue você sabe como fez aquela noite mapeando o pau dele mapeie aqui agora uma professora força uma aluna masturba um cadáver asco uma professora faz sexo oral uma aluna folheia um livro uma professora pede atenção puxa para junto de si uma aluna um ato final um gozo oral

uma professora – recomponha-se isso ainda é uma avaliação

uma aluna – você foi capaz mesmo

uma professora – não posso esquecer do batom pra disfarçar

uma aluna – posso denunciar você por desrespeito aos

mortos

uma professora - vilipêndio de cadáver exatamente
aliás o que acabamos eu boqueteira você punheteira de
fazer

uma aluna – fui forçada por você

uma professora – acha que vão acreditar em você víti-
ma

uma aluna – por que não

uma professora – porque sua palavra não vale nada
nem sei porque abre a boca porque ter surtado na can-
tina quando jogaram lixo no chão não foi legal as pes-
soas pensam coisas que controle ela tem sobre si sobre
a realidade ela não sabe nem de si como quer saber
coisas mais ter espancado com a marmita uma aluna no
banheiro da escola porque foi chamada de filha da po-
breza sem futuro da feiura sem futuro da obesidade com
futuro psicótico certo não foi legal pensam coisas ela é
capaz de matar sendo capaz de matar não tem proble-
mas com os mortos não ter problemas com os mortos é

algo estranho

uma aluna – tenho muitos

uma professora – não isso o que pensam assassina em potencial que carrega dentro de si o desejo pelo crime
isso dizem

uma aluna – não sinto isso

uma professora – não

uma aluna – não

34

uma professora – se só nós fossemos aqui agora no mundo todo sós se uma faca uma serra um revólver com quatro balas agora aqui hoje com você assim como está na situação que está quê faria você

uma aluna – nunca usei uma arma

uma professora – isso quer dizer que usaria mesmo nunca tendo usado

uma aluna – se precisasse

uma professora – precisa

uma aluna – ainda não

uma professora – se só eu você sem ninguém mais

aqui no mundo agora lá fora se pudesse matar quem mataria

uma aluna – você

uma professora um quilométrico riso

uma professora – quando podia ter vingado tudo todos se urinou

uma aluna – por que isso tudo

uma professora – um perfeito álibi caso enlouqueça

uma aluna – por que comigo

35

uma professora - porque você é burra

uma aluna – por favor me aprove dessa vez

uma professora – cinco vírgula cinco não é o suficiente
reprova meio ponto falta uma questão mais

uma aluna – por favor

uma professora encara

uma professora – qual músculo permite que a língua
tenha mobilidade

uma professora boca agora aberta de um cadáver

uma professora – mostre.....mostre direito chance úni-

ca de ser beijada não apenas fodida em canto qualquer
aqui você pode criar um lindo sentimento um romance só
seu dele

uma professora força uma aluna beija um cadáver
nojo uma aluna a ser beijada um cadáver a retornar
uma professora – chega correta a resposta a mais pre-
cisa de todas

uma aluna – seus lábios estão quentes

36

um susto duplo um cadáver seu retornar desmaia
recupera ar aos poucos

uma professora – não pense que é milagre não pense
conto de fadas longe um Romeu só seu um sem nome
mesmo assim recusaria você ninguém consegue ficar
perto de você sem sentir dó ânsia de tanta podridão veja
volta como quem amolece depois de duro ele se recupe-
ra uma parada cardíaca mal diagnosticada já ouvi casos
assim já ouvi poucos dias atrás ouvi um caso o corpo foi
encontrado encontrado de costas dentro do caixão todo
arranhado o caixão o cadáver vi que existe coisa assim

ele voltou

uma aluna se urina um cadáver recupera ar

uma professora – precisamos acabar com isso

uma aluna – quero ir embora

uma professora – tarde demais

uma aluna – vou agora

uma professora em mãos um molho de chaves

uma professora – porta chaveada boca chaveada você

sua merda fique onde está me ajude a terminar com

esse meio-vivo minutos atrás morto

uma aluna – não posso

uma professora – matar um cadáver não é crime

uma professora força uma aluna

uma professora – será rapidinho se você ajudar se não

sou eu pra ensinar a vida pra você

uma aluna – isso fazem as mães sim

uma professora – ainda estamos no jogo ainda posso
reprovar você como professora como mãe desde o nas-
cimento

uma aluna – você é doente isso tudo fede

uma professora – boca aberta em vão não há não que possa poupar você desse ato simples solução um alívio minha mão na boca você corta o ar do nariz

uma aluna – isso não é certo

uma professora – é o que é um dois três já

um cadáver a sufocar um cadáver a resistir um cadáver segura mãos que oprimem recobra ar

um cadáver – ainda não

uma professora – troque a roupa rápido

uma aluna se urina

uma professora – porca que nem a mãe

um cadáver sentado

um cadáver – onde é aqui

uma professora – uma escola já estamos de saída

um cadáver – fiquem onde estão

uma professora – limpe-se porca já estamos de saída

uma aluna tenta tirar um uniforme de uma bolsa

um cadáver – fiquem onde estão quietinhas sem movi-

mento algum ou não sei de mim

uma professora – seria bom poder ficar mas trabalho sem fim a fazer provas pra corrigir antes que amanheça completamente ela tem muito banheiro pra limpar muita coisa ainda hoje saberão precisam saber você voltou aqui agora vive

um cadáver atira um livro uma professora alvo

um cadáver – se dependesse de você essa baboseira não seria dita não estaria aqui agora vivo escutando então cale a boca sente....você me entregue essa bolsa

um cadáver retira um uniforme de uma bolsa veste

uma professora – esse uniforme é dela precisa pra trabalhar

um cadáver – era

uma professora - use o jaleco vão querer fazer exames em você que voltou depois de declarado morto

um cadáver – por que essa vaca velha gorda fala tanto

uma aluna – sempre assim

um cadáver – que faziam aqui

uma aluna – um jogo fui aprovada
uma professora – ainda não somei corretamente a nota
ainda não considerei a última questão meio ponto falta
uma aluna – cale a boca
uma professora registra em um papel erros acertos
de uma aluna
um cadáver – quem é a louca
uma aluna – minha mãe porca gorda feia sozinha
uma professora – ingrata você
um cadáver – cale a boca....você
uma aluna – pensei que um criminoso não esquecia de
suas vítimas
um cadáver – por isso continuo vivo
uma aluna – um fim de noite de maio uma rua com um
terreno baldio árvores minha mãe comigo voltando da
escola depois do trabalho você caminhava em nossa
direção como quem conhece as ruas seus becos mais do
que a si próprio você nada disse empurrou mata adentro
forçou sexo comigo claro não com ela que nem sei se

sabe ainda o que seja isso isso porque você não quis ela jogou ela num canto não podia ela dizia depois não podia ver você gostando dele gozando com ele você não tem valores um qualquer ela dizia....um qualquer me pôs no mundo um sem nome como você ela com ele num canto qualquer ela que me odeia que me faz querer morrer ela bem deveria estar morta guardou seu rosto guardou jornais queria denunciar você ela odiava você por me ter feito gozar daquele jeito devia ter sido ela gorda feia sem ninguém mas não a filha a escolhida você sumiu das ruas você que sempre eu via na saída da escola depois daquele dia não mais você sem nome sem família criminoso burrice seria parar você ela esperou você como quem tem um único desejo até você aqui chegar morto estuprador indigente objeto de estudo com uma história de vida sem igual

uma professora – reprovada

uma professora assina um papel guarda em um livro

um cadáver – ela me esperava
uma aluna – mais do que nunca morto
uma professora – ela ainda queria você ver você beijar
você ela queria o que teve tudo de novo
um cadáver – você gosta dela
uma aluna – dormindo sono profundo sim
um cadáver - você quê diz dela
uma professora – devia ter abortado
42

um cadáver – tarde demais se aqui agora tivesse algo
uma faca um revólver com quatro balas em quem
uma professora – ela nunca usou antes uma arma
um cadáver – o que não significa que não pudesse de-
sejar ter uma agora
uma aluna – seria ela pra ela as quatro morta com
quatro balas em regiões letais mapeadas cuidadosamen-
te uma na boca por tudo que diz uma sem sombra de
dúvida na boca
um cadáver – mas não temos um revólver
uma aluna – temos mãos

uma professora – você é ainda menor de idade

uma aluna – um presente de aniversário

uma professora – você é minha filha

uma aluna – melhor seria ter sido abortada

uma professora – vamos sair daqui serei melhor

uma aluna – tarde demais reprovada sem direito a futuras tentativas sem mais jogos

um cadáver – ainda jogo

uma professora – ela não está bem se urinou se envergonha de ser pobre gorda feia burra sozinha ter que trabalhar estudar limpar a casa sem namorados ela sozinha crê você seu eterno Romeu você das ruas sem nome morto como um qualquer criminoso como um qualquer

um cadáver – meu nome

uma aluna – sempre disse ela nunca acreditou naquela noite em que você me forçou a fazer coisas sussurrava em meu ouvido insistente Romeu

uma professora – você é ainda menor de idade

uma aluna chuta uma perna de uma professora

alvo

uma aluna – falei cale a boca pra você

um cadáver – quer ajuda

uma professora – o jogo acabou

um cadáver – não creio

uma aluna – pra ela sim precisa se deitar um pouco está cansada como sempre trabalhou demais consumiu burrice demais precisa descansar silencioso sono

44

uma professora em mãos um molho de chaves

rumo à porta um cadáver captura uma professora à força resta deitada sobre uma mesa resiste

uma aluna - se não sou eu pra ensinar a vida pra você é simples com as mãos sim você mantenha o nariz sem ar me encarrego da boca é simples só apertar bem forte pra não poder o ar entrar sem ar o vermelho o roxo da derme logo chega simples você não nega você não fala você nunca amou nada nem ninguém

uma professora se debate até não mais

um cadáver – se isso já fede imagine com ela aqui

uma aluna – amanhã pela manhã quando a sirene tocar encontrarão o corpo uma turma tem aula de biologia no laboratório de anatomia encontrarão antes que esse local precise ser incendiado pelo cheiro podre impregnado dela.....será que foi o suficiente

um cadáver – aprovada com distinção louvor primeiro ato criminoso

uma aluna – matar um cadáver não é crime vamos pra sempre longe daqui

um cadáver força porta chaveada uma aluna em mãos um molho de chaves muitas as chaves em vão

um cadáver – você ia me matar

uma aluna – ela me forçou

um cadáver – você não resistiu

uma aluna – agora nunca mais

um cadáver – agora cadáver aquela que queria ver mor-ta como faremos

uma aluna – ainda fim de noite a escola deserta se-

guimos corredor até o final saímos pelo pátio da escola
pulamos o muro nunca mais isso tudo
um cadáver – que fará depois
uma aluna – o que o tempo fizer de você
um cadáver – você tem certeza
uma aluna – o que me sobra agora amor por você alí-
vio por ela você ainda aqui Romeu só meu ela não mais
ninguém mais além de nós

46

uma aluna sem êxito com as chaves
um cadáver – me deixe tentar
um cadáver testa chaves uma a uma recita um
Shakespeare
um cadáver - //Bela demais para o uso, muito cara para
a vida terrena. Como clara pomba ao lado de gralhas
tagarelas, anda no meio das demais donzelas. Vou
procurá-la, ao terminar a dança//
um cadáver encara
um cadáver - porque ainda uma ânsia ao pensar em
tocar nela de novo ela tão distante de si tão insuportá-

vel diante do espelho //coração, até hoje, teve a dita de
conhecer o amor? Oh! que simpleza! Nunca soube até
agora o que é beleza.//

um cadáver encontra chave certeira um impulso
empurrada uma aluna cai chão

um cadáver - adeus Julieta

um cadáver sai porta afora escuridão porta tran-
cada uma aluna chora a impossibilidade do amor
chora com dor silencia.....estridente sirene escolar
insiste a luz da manhã chega para dar a ver coisas
que o escuro da noite esconde aos olhos de quem
dorme em seu leito sono tranquilo próxima à porta
uma aluna dorme abraçada a um livro uma profes-
sora jaz sobre uma mesa barulho de alunos no cor-
redor uma porta que se abre um clarão tempestade
uma aluna acorda luz a cegar olhos turvos uma alu-
na se levanta se apruma retira de um livro um papel
estende

uma aluna – reprovada

uma aluna se urina do claro da porta aberta que
cega à cegante escuridão

Sócrates Fusinato rumeiro@gmail.com

E alguém um dia já bradou: que importa quem fala? De onde vem a fala, quê isso importa? Daqui um lugar qualquer um ser qualquer cria possibilidades. Palavraempalavra. Talvez a passo dado. Reticência demorada mais munida bem disposta que ponto final. Por dizer. Por conta própria as linhas em suspensão se escrevem para além do quem escreve.

Paulo Renato Oliveira

Hereditário

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim,
no ano de 2010}.



PauloRenatoOliveira
Hereditário

Dedicatória:

À Bruna, ao Marcelinho e ao Maurício, que em breve
abraçarei novamente.

ATO I

SALA DE ATENDIMENTO DO HOSPITAL. ANTIGO RETRATO DO DR. LOHMAN NO CENTRO DA PAREDE AO FUNDO.

IRIS

Você já pode falar. Há um tempo durante o qual você pode falar, e eu vou ouvir. Não apenas cada palavra, mas os espaços entre elas. Vou ouvir a sua voz e o seu silêncio, e o tempo que se passa ao fundo. Histórias inteiras contando meias verdades. Grandes verdades ditas em meias palavras. A tudo isso vou ouvir, na ordem que você quiser, do jeito que prefere.

rir. Como uma amiga conselheira ou uma prostituta silenciosa, estarei atenta a cada contração dos seus lábios, se este for o seu desejo. E se assim eu ganhar a sua confiança. (pausa) Você deve falar para mim como a um amigo, ainda que eu não seja um amigo e não deseje sê-lo. Pois com os seus amigos você teria reservas ou talvez por eles você tivesse respeito, e portanto é importante que eu não seja um amigo. Me considere como seu pai ou como um professor, e seja sincero sabendo que serei compreensiva. Sabendo também que não sou seu pai e não preciso ser impressionada. Nem sou um professor que vá lhe ensinar lições. Serei o que você quiser, e também prometo não ser nada disso, enquanto houver tempo. Enquanto for o seu tempo. Pois quando ele acabar começa o meu. E o conduzo para fora com seus problemas e sua complexidade, e deixo aqui dentro apenas o que é meu. (Pausa) Você já pode falar.

LUCIAN

Eu falo, se sou obrigado. Ainda que este lugar não me lembre nada, não seja nada e não me traga recordação alguma sobre a qual eu queira falar. Mas se este é o processo, e se a isso sou forçado, posso falar sobre as impressões que me causa tudo isto.

Estar aqui e agora. (pausa) Não quero o seu tempo, o tempo da doutora Iris. Ele não me interessa, assim como não me interessam os métodos da sua pretensão. Você e seus pares, mapeando as equivocadas sinapses que nos levam a fazer o que eu fiz. Querem nos varrer da face da terra como um dia fizeram com a lepra. Vamos segregá-los, gritam com punhos cerrados e tochas acesas. Mas do mal que sofremos hoje, a pulsação não indica qualquer sintoma. A peste a se tratar não altera a temperatura, nem causa bulbos sob a pele. Mas ainda assim é uma peste e, ainda assim, contagiosa. Anda por entre nós, e em cada um de nós, na nossa química e nas nossas

veias, como sempre foi e sempre será. E você, ingenuamente, quer separar a regra da excessão, sem perceber que a regra sempre foi a ínfima minoria. A regra sempre foi a excessão. E então este lugar já não existe e nós não estamos aqui. Estamos lá fora, fazendo o bem e cometendo crimes, carregando cadáveres e alimentando os porcos, doando dinheiro e pedindo emprego. (pausa) Você quer minha confiança? Mas eu não confio neste lugar. Ele foi criado por alguém que queria lavar o solo com o próprio sangue, e extirpar dois males ao mesmo tempo: o do solo e o do sangue. E você, herdeira do calabouço, está trancada do lado de dentro. Tentando extrair sentido de um comportamento que, na verdade, não tem sentido algum.

IRIS

Não sou eu o assunto, ou este lugar. Ou quem o criou e quem o vai herdar. Não é de mim que trata-

mos, é de você. E por isso você deve falar no seu ritmo, como quiser, mas de você e da sua vida. De fatos que o marcaram, e de fatalidades da sua infância. De seus pais e da saudade da terra natal. Das noites de medo e dos dias de sol. De algo importante, como, digamos, o seu crime. Um assassinato. Não que assassinatos mereçam ser narrados, hoje em dia. Ainda mais um crime ordinário e limpo, sem sangue nem carne rasgada. Uma história já soterrada por crimes mais cruéis e mais perfeitos, narrados e documentados. (pausa) Não, você não tem valor em si.

Mas pretendo, sim, encontrar aqui um padrão. Para o seu, para a sua sorte. Antes de usar a força da medicina, usávamos a medicina da força. Mas já superamos este tempo e você deveria estar feliz. Somos tão dedicados e tão atentos. Confie em mim e em todos que querem o seu bem, que querem entendê-lo

e ajudá-lo, e ajudar a milhares de outros como você.
São os milhares que importam, e você.

Pois eu prefiro você aos cadáveres. Examino os assassinos, não as vítimas, porque vocês são mais brilhantes. São os que permanecem vivos, afinal. A natureza imperfeita das coisas obriga que haja um que morre, para cada um que mata. Este é apenas um fato a se lamentar. No mundo perfeito haveria a genialidade dos assassinos sem a podridão dos assassinados. Mas no mundo perfeito nenhum de nós existiria. E neste mundo em que existimos, vocês são os que permanecem vivos. São os superiores. Por isso eu os admiro, e é com vocês o meu trabalho. Você deve se sentir a vontade comigo. Com todos nós. Nós mapeamos a depressão.

LUCIAN

Mapearam a depressão?

IRIS

Descobrimos a esquizofrenia.

LUCIAN

Descobriram a esquizofrenia?

IRIS E LUCIAN

(como em um cântico religioso, vozes desencontradas)

63

Surtos psicóticos, dificuldades de aprendizagem.
Tendência suicida, bipolaridade. Síndrome de Burnout, doenças da idade.

IRIS

Para tudo há princípios ativos, encontramos tratamentos, nós podemos ajudá-lo. (Pausa) Nós queremos ajudá-lo. (Pausa) Então continue, o tempo está passando.

Longo silêncio.

LUCIAN

Seu nome era Bárbara, e nada do que fazia era condenável. Ela era boa, e queria ajudar aos outros, ainda que nada fizesse, por ninguém. Queria que tudo desse certo, e todos fossem felizes, e alimentava por todos pensamentos de afeto e alegria. Exceto por aqueles nos quais nunca pensava. E neste seu desejo de ajudar a todos, e sua angústia por nunca fazê-lo, por não poder ou não querer fazê-lo, não percebia que me ajudava e me transformava. Eu era a síntese do que ela poderia fazer por alguém. A síntese do que nunca havia feito. Eu era feliz e admirável, e capaz de qualquer coisa desde que pressionado pela necessidade de também ajudá-la. E todas as minhas obras eram a ela dedicadas, delicadas obras que ruiriam sem o seu olhar, e sem a necessidade que ela tinha de mim.

(Pausa)

Ela era linda pela manhã, e ansiosa domingo a tarde. Não gostava de ficar em casa, e ficava cansada por passar o dia fora. Viajava sempre que podia, para sentir-se satisfeita na volta ao nosso jardim. E o que sentia, bem, ninguém sabe o que sentia. Exceto, talvez, algum colega seu que pode tê-la encontrado em algum lugar como este, feito para não ser nada, não lembrar nada, não significar nada. Mas quando não estava aqui ela trabalhava muito. Tinha orgulho de sua carreira, fazia tudo muito bem, mesmo quando não era exatamente o bem que ela fazia. E o reconhecimento sempre nos deu alguma satisfação. E então em casa eu a abraçava, e ela dizia “Não estou bem”, e eu já sabia.

IRIS

“Não estou bem”, ela dizia apenas? É difícil acreditar

nisso. Provavelmente falava mais sobre sentimentos e impressões, ainda que pressionada por algum lugar cheio de significados. Mas certamente ela fala mais, pois um casal, é o que muitos de vocês dizem, um casal quando se abraça assim, e quando não há tecido para mantê-los separados, não troca apenas três palavras: “não estou bem”. É neste momento de apetites saciados, e quando o que resta não é exaustão e repulsa, mas carícias satisfeitas, neste momento as palavras jorram. Já atendi muitos casos assim e, portanto, se foi desta forma que vocês conversaram, ela não disse apenas “Não estou bem”. Ela colocou nestas palavras todo o propósito que gostaria de dar a sua própria vida. Este deserto de intenções não concretizadas. É destes espaços que você precisa me falar, eu preciso saber como é. Para um diagnóstico preciso e um tratamento eficaz, isto me faz falta. Preciso saber como as coisas soam quando ditas desta forma. O que significam as pala-

vras quando assim pronunciadas.

LUCIAN

O que significam as palavras quando assim pronunciadas. Com esta resposta eu salvaria o mundo. Bárbara e o mundo.

IRIS

Você não poderia salvá-la, não pode salvar ninguém. E pobre da mulher que espera isso de um Lucian, ou de outro qualquer. Pobre Bárbara ou quem quer que seja.

67

LUCIAN

Ela não disse mais nada. Preciso que você me diga.

IRIS

Certamente disse mais.

LUCIAN

Você pode me contar, então. Estou ouvindo.

IRIS

Só pedi sua confiança.

LUCIAN

Estou ouvindo.

68

IRIS

Só pedi sua confiança e seu tempo. Enquanto há tempo para nós. Mas hoje...

LUCIAN

Eu confio em você.

IRIS

Hoje é domingo e eu estou ansiosa. (pausa) E o dia de hoje não é o problema. O problema é eu não en-

contrar na segunda-feira um motivo para terminar esta tarde, e não ter percebido no sábado razão alguma que me deixasse assim. E você, bem, eu amo você. Amo você tão profundamente, nas suas tentativas de me ajudar, que me sinto culpada. Culpada quando percebo que você não significa para mim mais do que a minha Fluoxetina. Sem você eu me viro com ela... mas sem ela... sem ela simplesmente não existe você. (Pausa) Não quero ser assim. (pausa) Queria te amar como se me faltasse um pedaço.

69

LUCIAN

Você pode.

IRIS

Não posso. Não consigo. Você não preenche os requisitos.

LUCIAN

Que requisitos?

IRIS

N-metil-3-fenil-trifluoro-toluil-oxi-propilamina (pausa). Ninguém preenche os requisitos.

LUCIAN

70

Eu sempre lhe disse, eu procurei as soluções. O que nos falta é dinheiro, são filhos, é amor. Não, não amor. Um trabalho. Um bom trabalho.

IRIS

Você nunca me traiu.

LUCIAN

Nunca.

IRIS

Por que você nunca me traiu? Sua traíção seria o meu motivo para falhar.

LUCIAN

Isso não te ajudaria a chegar na segunda-feira.

IRIS

Tudo que você faz tem que ser para me agradar?

71

LUCIAN

Não, se você preferir. Mas eu posso te curar.

IRIS

Você está mais doente do que eu.

LUCIAN

Eu vou te curar.

IRIS

Não tente. (pausa) Amo você na sua esperança de me resgatar mas te odeio na pretensão de achar que é capaz disso. E odeio a mim mesma nesta dependência, na tentativa de preencher o meu vazio com você, e na vontade que depois me dá de odiar você, que está sempre certo nas nossas discussões, e errado em todo o resto.

72

LUCIAN

Eu amo você. (Pausa) Na sua fuga para os seus pacientes e na tentativa de realização sem fim, sem razão. Eu aceito ser apenas a companhia nos espaços da sua instabilidade. Eu aceito o amor pelo pai que te deixou assim e o ódio pela mãe que continua entre nós.

IRIS

Não me entristeço pela minha situação, ou pela nos-

sa. Mas talvez por não ter nada além desta situação para me entristecer. De tudo isso, tenho a certeza de que te amo. E é doloroso perceber que isto não faz a menor diferença para que eu atravesse esta tarde.

(Longa pausa)

LUCIAN

O que nos falta é um filho. Vamos fazer um filho.

73

(Aproxima-se de Iris)

IRIS

Um filho.

LUCIAN

Um filho. (Mais próximo. Começam a fazer amor)

Amo você, e não quero vê-la sofrendo.

IRIS

Preciso de você.

LUCIAN

Eu quero um filho seu.

IRIS

Eu preciso de você?

74

LUCIAN

Um filho. Nosso sangue, nossa carne.

IRIS

Não preciso de você.

LUCIAN

Nossa herança para o mundo.

IRIS

Não. (*afastando-se*) Não há herança possível.

LUCIAN

Será lindo. (*a segura com força*)

IRIS

Sem heranças para esta terra.

75

LUCIAN

É o único jeito.

(*eles continuam a fazer amor, lentamente. Lucian coloca a mão no pescoço de Iris e começa a sufocá-la*)

Não posso te perder de novo.

IRIS

Tudo isto acaba aqui.

LUCIAN

Não me obrigue...

IRIS

Sem sementes para o próximo inverno.

FAZEM AMOR SERENAMENTE ATÉ QUE IRIS MORRA.

FIM DO ATO I.

ATO II

EM UMA DAS CELAS DE INTERNAMENTO.

Cena I

Clara, grávida, faz a cama. Minuciosamente. Entra Rita de Cássia com uma refeição em uma bandeja. Dirige-se ao aparador, coloca a bandeja e começa a preparar o prato.

77

RITA DE CÁSSIA

Olá. Como está hoje?

CLARA

Não estou bem. Cansada. Bem cansada, de ficar aqui.

RITA DE CÁSSIA

Não é fácil, não é?

CLARA

Não. (Pausa) Como estão as coisas lá fora?

RITA DE CÁSSIA

Como sempre. Como antes. A senhora sabe como era.

CLARA

Talvez eu pudesse dar uma volta.

78

RITA DE CÁSSIA

Talvez. Talvez não. Não acho que seja uma boa ideia.

CLARA

É, eu sei. Será que ele pode fazer isso? Me manter aqui? Estive pensando nisso. Não sei se pode.

(Pausa)

Estive estudando. Casos dos antigos pacientes.
Sabe como é, pouco para fazer.

(Pausa)

Eu o amo. Mas ele não pode me manter aqui. Não foi isso o que combinamos. Não exatamente isso. Eu sei que eu concordei, mas eu tinha medo. Eu tenho medo.

79

(Rita termina o almoço, leva até Clara)

Mas agora tenho medo daqui também. Não sei porque, de repente fiquei com medo daqui. Quanto mais perto fica. Quanto mais perto ficamos.

RITA DE CÁSSIA

(Agora arrumando o quarto, colocando coisas no lugar)

Fique tranquila, minha querida.

CLARA

Por que fui deixá-lo me convencer?

(*Silêncio. Clara come. Rita arruma*)

Rita. (*Rita para e a observa*) Você acha que vai passar? Eu digo, temos de superar. É isso que estamos fazendo, não é?

80

(*Pausa*)

Estou pensando em mostra-lhe os relatórios que tenho feito. Mesmo sem observar os pacientes. Sem conversar com eles. Tenho tido muito tempo, tenho feito trabalhos teóricos. Será que ele vai gostar?

RITA DE CÁSSIA

Ele sempre gostou do seu trabalho.

CLARA

É, mas ele está diferente. Ele está diferente. Você pode ficar hoje? Enquanto almoço? Ou janto?

RITA DE CÁSSIA

Claro, minha querida.

(Rita senta-se na cama. Ficam em silêncio enquanto Clara come. Rita fala casualmente)

81

Ah, quase esqueço de mencionar. Talvez ele não venha hoje.

CLARA

De novo? Mas Rita...

RITA DE CÁSSIA

Eu sei, eu sei, minha querida. Mas os pacientes. São muitos e agora, apenas com os assistentes.

CLARA

Mas é ele quem quer assim.

RITA DE CÁSSIA

Eu sei.

CLARA

Só para não vir aqui. Eu não preciso ficar por isso.

82

Eu nunca devia ter voltado. Ele sempre foi assim.

Sempre. Quando fui embora, quando ele me mandou embora. Covarde. Fica se escondendo. Por que ele fica se escondendo? Que doença, que nada.

Ele é assim, sempre será. Você tem de convencê-lo, Rita. Isto não pode continuar assim. Eu já não tenho mais medo. Eu não mereço isso. E não tenho medo.
(Pausa) Rita, você tem de convencê-lo. Faça-o vir aqui.

RITA DE CÁSSIA

Doutora, eu não acho que ele virá.

CLARA

Eu já não sei mais se ele fará o que combinamos.

Ele disse que tinha medo. Preciso ouvir dele. Mas há tempos ele sequer vem aqui.

RITA DE CÁSSIA

83

E não sei se virá.

CLARA

Você tem de tentar.

RITA DE CÁSSIA

Minha querida...

CLARA

Você tem de tentar, Rita. Por mim, a sua querida. Eu

preciso dele. Preciso ouvir dele. Estou com medo.

RITA DE CÁSSIA

Está bem. Vou tentar.

CLARA

Por favor.

84

RITA DE CÁSSIA

Vou tentar.

CLARA

Obrigado.

RITA DE CÁSSIA

Termine de comer e descanse. Mesmo que eu consiga, será apenas à noite. Tente dormir.

CLARA

Obrigado.

RITA SAI. CLARA CONTINUA COMENDO, SOZINHA. LUZES SE APAGAM.

Cena II

Clara sentada no chão, encostada na cama. Fica longo tempo a desenhar no chão com as unhas. Entra Rita.

RITA DE CÁSSIA

86

Querida, minha querida. Você não deveria estar aí.
(Clara continua desenhando) Está muito frio, isto vai lhe fazer mal.

CLARA

Terminei. Estava pintando.

RITA DE CÁSSIA

Ótimo, ótimo. Levante-se então. *(Tira Clara do chão, a coloca sentada sobre a cama arrumada)*

CLARA

(Pausa)

Será que falta muito?

RITA DE CÁSSIA

Não, apenas algumas semanas.

CLARA

E para a doença dele?

87

RITA DE CÁSSIA

Ah, para isso deve faltar muito. (*Começa a arrumar o quarto*)

CLARA

A não ser que já o tenha acometido. Pode ser assim, não pode?

RITA DE CÁSSIA

Não acredito nisso.

CLARA

Com o pai dele não foi assim?

RITA DE CÁSSIA

Não. Com o pai dele foi de repente, violento. Muito violento.

CLARA

Mas com ele pode ser assim. Pode já ter sido.

RITA DE CÁSSIA

Foi muito violenta. A primeira crise. É muito violenta, ele já me contou antes.

CLARA

Já contou. Milhares de vezes. Ele vive contando isso,

vive em função disso.

RITA DE CÁSSIA

Ele tem medo do que vai se tornar.

CLARA

Acho difícil que ele se torne algo pior do que já é.

(Pausa. Rita de Cássia a arrumar o quarto. Clara levanta-se e começa a caminhar pelo quarto) Sabe, eu estava pensando. Não há motivo para eu não poder sair daqui. Você acha que se eu saísse seria terrível? Quero dizer, lá fora. Eu já vivi lá fora. Apesar de ser diferente agora, com esta barriga. Mas eu já vivi lá fora. Eu sou uma médica! Eu ajudava pessoas muito piores do que eu. Eu não sou doente. Posso viver lá fora.

RITA DE CÁSSIA

Foi você quem quis vir para cá.

CLARA

Mas agora estou presa.

RITA DE CÁSSIA

Sim, mas pode sair. Se quiser. (*Pausa*)

CLARA

Quero lhe mostrar uma coisa. (*Vai até a cama, puxa a colcha de cima, mostra o lençol ensanguentado*).

Veja isso.

RITA DE CÁSSIA

(*Sobressaltada*)

O que é isso?

CLARA

(*Rindo*)

É sangue. Eu sangrei.

RITA DE CÁSSIA

Meu Deus, venha cá. (*Pega Clara pelo braço, faz com que sente novamente*)

CLARA

(*Gargalhando*)

Eu sangrei. Sabe, foi ontem. Mas como eu não posso sair daqui, ou melhor, posso se eu quiser, mas ninguém veio me ver, eu sangrei até perceber que não era nada.

91

RITA DE CÁSSIA

Minha querida, venha cá. (*Olha os olhos de Clara, procurando uma anemia. Vira seu rosto de um lado e de outro*) Você não pode fazer isso. Devia ter me chamado.

CLARA

Não era nada. Mas leve o lençol. Traga-o aqui. Antes

ele se preocupava. Agora só o sangue, talvez nem assim. Logo ele, tão preocupado com sangue que nunca quis dar continuidade ao seu próprio. A sua linhagem de loucos. (*Imitando voz de homem*) A loucura acaba comigo. Mas acaba em mim. (*Voz normal de novo*) Agora não liga para sangue algum.

RITA DE CÁSSIA

92

Clara, minha querida. Você não fez isso de propósito, não é?

CLARA

(*Voz masculina*)

A suspensão do tratamento pode levar o paciente a uma remissiva importante. (*Gargalha*) Ele é uma piada. (*rindo*) Cômico e monstruoso.

RITA DE CÁSSIA

E você o ama.

CLARA

(Ainda rindo)

Claro. *(Ficando séria)* Porque ele me prometeu. Prometeu tirar esta criança e disse que me amava. Neste dia, quando prometeu, ele disse que me amava.

(Pausa) Agora eu não sei, ele não volta aqui.

RITA DE CÁSSIA

Bem, se ele disse que a amava, suponho que nada tenha mudado.

93

CLARA

Mas já faz tempo.

RITA DE CÁSSIA

O amor supera, minha querida. *(Termina de arrumar a cama)* Espero que você já esteja bem. Você sabe que não posso mandar ninguém examiná-la. Por causa do sangue.

CLARA

(*Distante*)

Por causa de quê?

Rita de Cássia fica a observá-la por alguns segundos. Sai.

Cena III

Clara e Rita em cena. Rita massageando as pernas e pés de Clara. Ficam assim por algum tempo, em silêncio.

CLARA

Não está certo ter medo, não é Rita? Eu vou ter um filho. É bom, não é?

95

RITA DE CÁSSIA

Claro que é.

CLARA

Ainda que depois eu não fique com ele.

RITA DE CÁSSIA

Mesmo assim.

CLARA

Mesmo assim. (*Pausa*) Você nunca teve filhos, não é?

RITA DE CÁSSIA

Meus? Não.

CLARA

96

Bem, ainda está em tempo.

RITA DE CÁSSIA

Não, minha querida. O tempo já passou. Eu gostava de pensar que não, mas isso tornava mais complicado. Quando penso que já passou, é tudo mais sereno.

CLARA

E se você se arrepender?

RITA DE CÁSSIA

Eu já me arreendi.

CLARA

É, eu também.

RITA DE CÁSSIA

Mas já me arreendi de tantas coisas que esta não faz diferença.

97

CLARA

Mais para cima. (*Rita massageia mais acima a perna de Clara*) Isso. Obrigado. (*Pausa*) Você nem falou com ele, né?

RITA DE CÁSSIA

Falei.

CLARA

E ele não vem antes, né?

RITA DE CÁSSIA

Acho que não. Mas já sabíamos.

CLARA

É, já sabíamos. (*Pausa*) E agora não posso mais sair. Deveria ter saído antes, quando podia.

98

RITA DE CÁSSIA

O tempo já passou.

CLARA

Eu era tão forte. Todo mundo me achava forte, na minha família. A mulher mais forte, a pessoa mais forte. Eu era mais independente, sabe? Minhas irmãs não eram como eu. Eu costumava sair. Às vezes meu pai nos proibia. Mas eu? Saía do mesmo jeito. Meu pai

era bom. (*Pausa*) Como fui ficar de um jeito que meu pai não pode me ajudar? (*Para Rita*) Você conheceu seu pai?

RITA DE CÁSSIA

Não.

CLARA

Puxa, isto deve ser triste. O meu pai me faria falta se nunca tivesse existido. (*Pausa*) Ele faz falta agora.

99

RITA DE CÁSSIA

(*Levantando-se, arrumando para sair*)

Bem, eu não sei. Não entendo muito deste negócio de pais e mães.

CLARA

Aonde você vai?

RITA DE CÁSSIA

Já terminei sua massagem.

CLARA

Mas. Falta pouco tempo. Você não precisa ir, agora que falta pouco tempo.

RITA DE CÁSSIA

100
Não sabemos quanto tempo falta.

CLARA

Pouco. Você não pode ir.

RITA DE CÁSSIA

Eu tenho de ir, minha querida.

CLARA

Você também. Você também sai, e eu não. Por que você sai e eu não?

RITA DE CÁSSIA

Eu nunca tive pai.

CLARA

Mas eu vou sair, Rita. Você vai ver. Eu vou sair.

RITA DE CÁSSIA

Vai sim. E será lindo quando isso acontecer.

101

CLARA

Será que ele vai me levar nos braços? É ele que vai
me tirar daqui, não é? (*Rita vai saindo*) Eu tenho
certeza, Rita, que é ele que vai me tirar daqui.

RITA SAI. LUZES APAGAM.

Cena IV

Clara sozinha. Está sentada na cama, tentando ajeitar-se com a barriga. Não consegue, vira-se de um lado para o outro, deita-se mais, arruma as almofadas, coloca-se mais sentada, geme. Passa assim longo tempo, começa a ficar desesperada com o desconforto, começa a tremer. Chora. Levanta-se com dificuldade, ainda chorando, caminha para a frente do palco. Ajoelha-se.

102

CLARA

Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco,
bendita sois Vós entre as mulheres. (*Pausa*) Minha
mãe, tenho medo. Eu tenho tanto medo. (*Pausa*.)
Bendito é o fruto em Vosso ventre. Bendito é o fruto
em Vosso ventre. Me dá força, mãe, para livrar-me
do meu. Não quero este filho, e não sei o que fazer.
Não sei o que ele vai fazer. Não confio, agora, mãe.
Se ao menos ele fosse o pai. Tenho medo, mãe, te-

nho medo. (*Pausa.*) Santa Maria, mãe de Deus, ro-
gai por nós os pecadores. Agora e na hora de nossa
morte. Agora e na hora de nossa morte. Mãe, pro-
tege-me na minha hora. Agora e na hora da nossa
morte. Amém. (*Longa pausa. Recomeça, até chegar*
a um sussurro)

Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco,
bendita sois Vós...

103

LUZES APAGAM-SE LENTAMENTE.

Cena V

GRITOS NO ESCURO. CLARA DANDO À LUZ. QUANDO AS LUZES SE ACENDEM ELA CONTINUA A GRITAR, AGORA SEM EMITIR SOM. TODA A CENA SE PASSA EM SILÊNCIO.

104

Rita de Cássia entra correndo. Ajeita Clara na cama, dá-lhe toalhas, ajeita uma bandeja de instrumentos ao lado da cama, sai correndo novamente. Alguns segundos depois volta, ainda correndo. Ajoelha-se ao lado de Clara e pega sua mão. Clara continua entre gritos e choro. Rita olha apreensiva para a porta do quarto. Alguns segundos. Entra o Dr. Lohmann pela porta. Ele está exatamente como no retrato do primeiro ato.

Dr. Lohmann entra lentamente, impassível, entre os gritos de Clara. Caminha até ela, pega instrumentos na bandeja.

Abre Clara e tira o bebê. Deixa-a aberta. Caminha com o bebê até a frente. Rita de Cássia levanta-se e larga a mão de Clara, que segurara até então. Olha para o Dr. Lohmann. Clara morre.

LOHmann

Iris. É assim que você vai se chamar. Iris.

LUZES SE APAGAM.

105

FIM DO ATO II.

ATO III

DOUTOR LOHMANN NO CENTRO DO PALCO, DE FRENTE PARA A PLATEIA. IMOBILIZADO. CATATÔNICO. ENTRA IRIS.

106

IRIS

(Entra e realiza alguns procedimentos. Mede o pulso, testa a rigidez dos músculos, dilatação das pupilas. Para)

Hoje não significa nada para você. Dia nenhum lhe traz significado. Nem o de hoje, nem o seguinte, nem a noite entre eles. Mas hoje é um daqueles dias que carrega marcas e traz lembranças. Que invoca reflexões. Você não reconhece este amanhecer, assim como não reconhece seu rosto no espelho. Sua

pele vincada e as culpas expostas. Não lembra como conseguiu as cicatrizes do seu corpo, nem guarda memórias das marcas que deixou em corpos que não eram seus. Corpos que não lhe pertenciam e sobre os quais não tinha direito algum. Nem mesmo o direito da paternidade. Você cometeu seus crimes e esqueceu, e viveu sabendo que esqueceria. Você é o que se torna o homem quando percebe que não precisará colher o campo cultivado. Não haveria amanhã para o Dr. Lohmann, e este foi o estímulo da sua vida. A expectativa da doença que apagaria a culpa, levaria embora a consciência e traria sua redenção. (pausa) E me contava histórias de seu legado maldito, do sangue nas suas veias. Sangue que o tornaria algo terrível, e que eu pensava compartilhar. Tinha orgulho de compartilhar. (Pausa) Mas algo terrível você já era. Você sempre foi.

(caminha)

Somos todos assim, os homens da família. Todos caminhamos para o que eu sou. Somos o lado violento da peste mais violenta, que atinge seu auge em nossos dias. Eu nasci em 1740. 1835. 1960. Nasci em 2014. Fomos tratados de formas diferentes, recebemos denominações diversas, mas sempre fomos o mesmo mal, que já existia muito antes de lhe darmos nomes. Esta é a nossa árvore, que nos trouxe até aqui. Nos trouxe até mim. De seiva vermelha correndo em cada ramo e em cada tecido e em todos eles ao mesmo tempo. Que nos confere o mesmo DNA, a mesma doença e o mesmo fim.

(pausa)

Há um momento em que tudo isso vai emergir, e você deve saber. A herança será entregue e como

meu pai e meu avô, e os avós dos seus pais e todos os homens de que se tem notícia, será perdida a batalha pela consciência. É para este dia que vivo, e para este dia tudo tem de estar preparado. E o que me torno, então, pouco importa. Tudo já estará preparado.

IRIS

A consciência que você um dia perderia já estava há muito tempo perdida, e sua realidade já era esta. Sem consciência, sem remorso, sem sofrimento. (pausa) Só eu sei que seu momento mais lúcido é agora. Que agora a mente vislumbra suas culpas, e por isso você está assim. Foi sob esta pressão que seu íntimo sucumbiu, e é ela que você tenta supor tar, com dentes cerrados e a expressão retorcida. Eu vejo todo este peso e sei que só o que você pode fazer é contemplar indefinidamente o seu passado. Sofrer enquanto se torna onisciente de si mesmo.

(pausa)

O dia de hoje não significa nada para você, mas hoje é o meu aniversário. Há 27 anos você começou a mentir para mim. Assim que a luz cruzou minha íris, a luz deste mesmo castelo que sempre foi sua prisão, lá estava a mentira primordial. Minha mentira preferida. Que se passaria por meu pai nos 25 anos seguintes, enquanto o corpo de minha mãe apodrencia. Sem uma visita ou uma lembrança. Sem uma lamentação. E você fez de mim rainha do seu castelo. Me fez acreditar que aqui era o mundo, e que aqui viviam todas as nações. E seus livros, suas estantes e armários, eram nossas muralhas e exércitos. Muralhas tão altas que nunca me deixaram ver a paisagem lá fora. Eu sequer sabia de uma paisagem lá fora. E meu mundo se construiu entre você e seu conhecimento. Seus pacientes e sua doença. A espera por sua doença. Uma família que nunca conheci,

de mortes obscuras e reações violentas, com medo do que viria a seguir. Medo de você, que eu amava. (pausa) Você me fez acreditar em tanto que nunca existiu, e agora desmente a única verdade que havia. Você me privou da minha mãe, e agora me priva do meu pai.

LOHMAN

Clara me traiu e voltou com você. Traiu minha confiança e voltou com você, e me pediu que extraisse aquela mescla de líquidos e vida. Você. Que descartaríamos com as máscaras usadas e as luvas de látex. (pausa) Mas eu já amava mais você do que ela, e ganhei tempo. 214 dias. Prometi a ela e ganhei 214 dias para planejar nossas vidas. A minha e a sua. 190 dias. Você era minha esperança de eternidade, a sequência da minha linhagem. E em 150 dias você estaria aqui. 120 dias para que fosse real a possibilidade de um neto, meu neto, que não obe-

deceria as vozes do meu legado. Faltavam apenas 90 dias e eu cultivei sua mãe, o seu dormitório. Eu a preservei enquanto era necessária para que você existisse. E nos últimos 60 dias eu a abriguei, e lhe fiz promessas, e a mantive cativa como ela merecia. Escondida de todos, esquecida por todos, para que fosse mais fácil livrar-me da placenta quando você chegasse. E faltando apenas 20 dias prometi a ela que lhe daria o fim apropriado. Que ficasse tranquila e confiasse em mim. E nos últimos dias era claro que este mundo queria você, e não ela. Eu queria você, e não ela. E o fim apropriado chegou para cada uma.

Esta verdade lhe entrego agora, uma verdade desnecessária. Lhe dou como um presente de pai para filha, prova da minha dedicação, agora que finalmente meu destino vem me buscar. Nada que torne menos verdadeira a minha família, nem mais real nosso laço. Você era minha filha, e ainda é. E ainda agora

seus filhos serão meus netos. A verdade formulada em palavras continua sendo a mesma verdade. E isto lhe confio agora, pois sei que cresceu à minha imagem e semelhança. Tem meu raciocínio e minha ciência para compreender quem somos, e o que eu fiz. A racionalidade de minhas decisões. Lhe confio toda a verdade, e isto nos torna mais próximos do que qualquer pai e filha jamais serão. E sua prole será minha prole, e nossa árvore a mais frutífera de todas.

113

(Pausa. Volta lentamente para a maca)

Venci a natureza. Conquistei o eterno. Sobrepuei o destino do meu sangue, graças a você.

IRIS

Meu pai, hoje faço 27 anos, e vejo você assim. Há dois anos me presenteou com a verdade e foi levado

pelo seu destino. Verdade que agora tenho coragem de retribuir. Preciso te contar que comparamos de sua técnica e seus medos, ambos aprendidos nestes corredores. Mas não tenho o seu sangue e, portanto, não sou forte como você. Não tenho nossos ancestrais soprando convicções ao meu ouvido. Se a natureza colocou a peste nos seus genes, é porque vocês estavam prontos para enfrentá-la. E se você chegou ao nosso tempo, ao tempo da depressão e da esquizofrenia, se você foi capaz de uma vida por entre seus doentes, é porque foi preparado por dezenas de gerações. Você tinha os anticorpos, mas eu não. Para mim você foi uma doença introduzida. E sem defesas naturais tive que ser hábil nas perícias que você me ensinou. A química e a lâmina, os remédios e o metal. E com uma incisão precisa, próxima à raiz, eu sangrei a árvore da nossa genealogia. Eu a cortei com o bisturi no meu ventre e no meu sexo, porque não podia conceber o mundo sob o seu

ponto de vista. Não podia conceber um herdeiro que passasse pelo mundo como você passou. Com seu sofrimento e sua expectativa, e contagiando a mente de todos a sua volta. Tive tanto medo deste maldito legado que me cortei, e este é o meu presente para você.

(Pausa.Lohmann já está catatônico novamente)

115

Estou seca. (pausa) Você ainda considera a verdade desnecessária?

(longa pausa)

Foram nossas incisões que mataram. Um comportamento guiado por vozes que você trouxe para a minha vida, cristalizadas como imagens da minha infância. Eu as ouço como lembranças de um passado que nunca vivi. Sua semente colocada na mente de

uma criança - um terreno ainda mais fértil que o ventre de uma mulher. E o contágio aconteceu. Nossas mentes mais contaminadas que nossos genes. (*pausa*) Não estamos preparados para gerar uma linhagem. (*pausa*) Criaríamos monstros ainda maiores do que nós. (*pausa*) Esta é nossa única aptidão manifesta: aperfeiçoar nossos erros e passá-los adiante, ainda maiores. Isto temos feito de forma irretocável, a cada dia, de geração em geração. (*pausa*) Não tenho seu sangue, mas segui o seu caminho.

(*pausa*)

Sem sementes para o próximo inverno.

(*Entra Rita.*)

RITA DE CÁSSIA

Doutora, seu próximo paciente já está esperando.

IRIS

(Observa Rita em silêncio)

Quem é?

RITA DE CÁSSIA

Com quem você estava falando?

IRIS

Quem é o paciente?

117

RITA DE CÁSSIA

O jovem que matou a esposa. Lucian. *(Longa pausa)*

Minha querida, com quem você estava falando?

SILÊNCIO.

IRIS SAI. RITA A OBSERVA. SAI. LUZ FICA APENAS SOBRE LOHMANN. LUZ SE APAGA. PANO.

Paulo Renato é publicitário com trabalhos premiados nacional e internacionalmente, fotógrafo, dramaturgo e alpinista amador.
paulorenato.net (41) 9183.1325.



Emanuelle Sotoski

é só um experimento mental

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Drama-
maturgia SESI Paraná, sob orientação de Roberto Alvim,
no ano de 2010}.



Emanuelle Sotoski
ésóum
experimental

Isso é só um experimento mental

Estamos em uma nova era glacial. Todo o resto foi extinto. A temperatura local se tornou extremamente baixa. Uma avalanche gelada soterrou tudo. Agora tudo é coberto por uma espessa camada de neve. O ambiente é isolado e terrivelmente branco. Só resta o silêncio.

A: Eu vivo nessa câmara frigorífica. Só é possível ver um tom monocromático constante. Tudo aqui é gélido. Eu não gosto do frio. Os anos em que estive aqui fizeram com que congelasse. O ar sublima em contato com meus pulmões. É difícil enxergar algo. O sol não aparece mais. Tento provocar um choro para que todo o gelo liquefaça. Um vale refrescante em colapso. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo. Pingo... Permaneço aqui. Não há mais paciência para a espera do gelo derreter. Estar nesse frio... Nesse imenso e constante frio faz com que eu me sinta viva. Eu tenho de medo nunca mais sair

daqui.

Silêncio.

Extremidades congeladas.

A cabeça pesa, os lábios tremem e os pés doem. As mãos suam frio.

Visto uma boa roupa, me maquio com perfeição, e deito na cama. Lembro de juntar os pés, preocupada em não aparentar ser descuidada. Coloco o revolver sobre o peito. O polegar direito irá pressionar o gatilho. Suspiro.

Há líquido diluído por toda a parte.

Finalmente anoiteceu. Há tempos eu desejo essa imensa escuridão. Não consigo ver coisa alguma. É como se algo me tapasse a visão. Estou aqui e não consigo ver o que vem pela frente. Sempre tive os olhos no passado. Chegou a hora de ir adiante. Não tenho outra opção. Serenamente dou o primeiro passo.

*Em apenas milésimos de segundos todo líquido congela.
Aos poucos as coisas voltam a ser claras. Há luz. O bloco
agora é ainda maior. Cobrindo tudo.*

Volto a ver as coisas claramente.

Todas as balas falharam

O gatilho só faz um clique, nada aconteceu: a bala não detonou. Pensando ser algum problema decorrente da posição de sua mão apontou com o indicador. A bala detonou. Nervosa, respirou fundo e voltou novamente à posição anterior. Puxou o gatilho. O gatilho só faz clique. Ela puxa o gatilho de novo. Clique. De novo: clique. Varias vezes! Ela vai continuar puxando o gatilho de novo, de novo, com o mesmo resultado: a arma não vai disparar. Não importa quantas vezes ela puxe o gatilho, a arma nunca vai disparar. Ela vai continuar o processo eternamente... Ela puxa o gatilho pela primeira vez. A arma dispara. Ela morre.

A mulher vai continuar puxando o gatilho

A: Sempre ouvi a máxima de que ninguém diz que quer se matar. Quem realmente deseja a morte, se mata e pronto. Tive medo de parecer patética. Tive medo. Procuro a morte mais insípida. Um veneno rápido e letal. Sigo a risca o manual dos suicidas:

128

1. Absorver uma refeição leve para que o estômago não esteja vazio.
2. Tomar um remédio contra enjôo logo após a refeição e cerca de uma hora antes para evitar vômitos.
3. Observar o prazo de validade dos medicamentos. Produtos vencidos perdem a eficiência.
4. Se o gosto for amargo bebê-los com um pouco de café.
5. Recomenda-se a ingestão de álcool. O

efeito é potencializado numa proporção de até 50%.

6. Para evitar uma reanimação indesejável, destruir as embalagens dos medicamentos.

Abro o seu frasco. O coloco na boca. Falta coragem... Sobram idéias. Abro e tomo. Sabendo que o desmaio pode chegar a qualquer momento. O suicida é o dramaturgo solitário. Minha tragédia tem um só ato. Sem platéia. Me deito com o veneno na boca, na esperança de que o sono faça o que as minhas mãos não conseguiram.

A: Sou coberta por uma imensa escuridão.

B: Vem. Eu te ajudo. É só me dar a sua mão.

A: Onde estamos?

B: Pensei que você soubesse.

A: Lógico que sei. Só não entendi.

B: Como você quer chegar ao outro lado?

A: O que faço aqui?

B: Não era o que você queria?

A: É sufocante o ar não vem.

B: Calma daqui a pouco passa.

A: Agora é só passar para o outro lado?

B: Você quer ficar presa aí?

A: É possível?

B: O que?

A: É possível eu ficar presa aqui?

B: Se você não escolher certo?

A: É profundo?

B: A superfície engana

A: Tenho medo.

B: Você precisa fazer alguma coisa.

A: Preciso sair daqui.

B: Você está bem?

A: Há algo dentro daquela câmera que me prende.

Cada vez que ela puxa o gatilho o universo se divide

A: Nada me passa pela cabeça. O que dizer? Como esco-

Iher as melhores palavras? No fundo eu não quero dizer nada. Nessa página em branco, me deparo à procura de versos. Versos que sempre me escapam. Todos irão me ver com olhos mais bondosos. Mais amenizados.

Imagine um paraíso para mim.

O melhor jeito de se matar é como um fanático religioso.

E se ligasse os fios?

E se acabasse com a dor se desmanchando em pedaços?

E se em poucos segundos?

E se o plano fracassasse?

E se no caminho houvesse muitas pessoas?

E se arrependesse ao ver crianças, idosos, mulheres, homens?

E se tremesse?

E se continuasse determinada?

E se mesmo assim fracassasse?

E se fosse impedida de ligar os fios?
E se um telefonema anônimo impedissem o fatal atentado?
E se não houvesse motivo?
E se estivesse sozinha?
E se não houvesse mais ninguém?
E se pedissem para que pule?
E se me tacasse do décimo andar?
E se me jogasse da janela do apartamento?
Pois bem, estou indo.
(Em queda livre)

*Vejo meu corpo perdendo para a gravidade. Vento que
não me segura. Meus braços estão leves. Provoco gran-
des mudanças. Uma suspensão no tempo. A velocidade
altera corpos.*

(No chão)

Ela não sabe disso, mas está viva e morta

B: Eu queria te ajudar, mas não consigo. Você está estatíca. Por que gosta de ficar assim... Lutando contra o frio... Quero ficar abraçada até que você vá embora. Não posso dizer nada, mas quero que você fique.

(Silêncio).

B: Eu nunca te exigi nada... Mas agora

A: Não me pergunte por quê.

B: Nesse momento só consigo pensar na dor. Eu não agüento mais isso tudo. Eu não agüento essa merda toda. Eu nunca sei o dia... Cada vez que subo a escada minhas pernas tremem. Todos os malditos dias eu passo por essa tortura. Eu fico pensando. O que será hoje? E tenho medo de abrir a fechadura. Então chega.

A: Eu já disse para não me perguntar por quê.

B: O que?

A: As respostas são múltiplas.

Cheguei a um momento insuportável. Por mais que eu insista, eu não consigo mais nada. Eu sinto meu corpo pesado. É um momento insuportável.

(Silêncio).

B: Sabe o que eu quero de verdade. Quero pensar que não é nada. Que isso se transforme em um nada, ou melhor, vire comida de bicho. Eternamente nessa cadeia alimentar. Tornando-me imortal. Porque é isso que a gente vive depois. Nada daquela idéia romântica idealizada. Comida de verme, pouco a pouco sendo destruída, se transformando em nada. Apenas comida para manter os vermes vivos, apenas lembrança para fazer dos vivos tristes.

A: Por mais que insista em não consigo pensar sobre isso.

B: O que você quer que eu faça?

A: Há coisas que precisam ser ditas.

B: Eu não posso mais.

(Silêncio).

A: Eu tenho de medo nunca mais sair daqui.

B: É Impossível.

A: Meus olhos estão eternamente com lágrimas

B: Não posso te dizer adeus.

(Silêncio).

B: Me diga como posso ajudar-la?

(Silêncio).

A: Não tenho resposta alguma.

De novo, de novo, de novo, de novo... Clique

A: E então?

B: Você fracassou.

135

A: Visto um casaco, encho os bolsos com pedras e pulo num rio.

A: E então?

B: Você fracassou.

A: Opto pelo gás. Vedo todas as portas e as janelas. Todas as saídas. Coloco a cabeça dentro do forno e ligo o gás. O gás infesta o ambiente. E arrebenta os meus pulmões.

A: E então?

B: Você fracassou.

A: Estou na multidão. Num dia qualquer. Em uma plataforma esperando o trem que se aproxima. E de repente eu sinto uma pressão. Com o reflexo fecho os olhos. Então eu sinto um forte choque. E o vento sopra da maneira refrescante. Eu abro os olhos e vejo toda a vida passando depressa.

136

A: E então?

B: Você fracassou.

A: Me jogo em um canil. Minha pele vai sendo estraçalhada por dentes raivosos. Tudo se manchando de vermelho. Os olhos brilham como se o pouco de vida contido em mim se transferisse a eles.

A: E então?

B: Você fracassou.

A: Procuro uma forma de me purificar. Pego um frasco e me banho com líquido. Logo que minha pele entra em contato com o ácido percebo que não tem mais volta. Borbulha. Corroendo. Uma forma de corrosão localizada. Criando pequenas cavidades com profundidade considerável. Primeiro a pele, depois os músculos. O líquido penetra nos ossos. O processo de corrosão não cessa. Não há porque lutar contra. Derretendo os pulmões. As vias respiratórias estão entupidas. Já não existe mais oxigênio.

137

A: E então?

B: Você fracassou.

A: Preciso sentir que eu tenho algum controle.

B: Morrer não é tão fácil quanto parece.

A: Do que você tem medo?

B: Da morte.

A: A morte é a solução. Não é para ter medo.

B: E você? Do que tem medo?

A: De tanta coisa que dura uma vida inteira, mas que se acaba com o primeiro suspiro da morte.

B: E quem te garante isso?

A: E quem garante o contrário?

B: O que seria suficiente para causar a morte?

A: Uma vida destruída.

B: Você se mataria por amor?

A: Olhe meu estado e diga se você já não sabe?

A: Acredita em mim, não?

B: Sim. Acredito em você.

(Silêncio)

A: Sempre tive uma atração pelo fogo. Estou certa de que nos daremos bem.

Ela puxou o gatilho pela primeira vez e infini-

tas vezes depois disso.

(O tempo volta ao início)

A: As mãos suam frio. Preciso sentir que eu tenho algum controle.

(Suspiro.)

Puxo o gatilho. O gatilho não faz só clique. A arma dispara. Não tem mais volta.

Finalmente a era do aquecimento global. Há liquido por toda a parte.

A: Uma mão desesperada bate a minha procura. Já não consigo pronunciar nada. Não há o ar em meus pulmões. Eu sinto meu corpo pesado, a boca adquiriu uma nova cor. Pingo. Lentamente. No mais absoluto silêncio. Vejo as coisas claramente.

O tempo cessa. Desfaleço.

Tudo acaba. Uma imensa escuridão. É inconcebível. Milhões e milhões não têm nem como imaginar. E é como você fosse aquele pontinho ali. Uma estrela. E de repente

eu simplesmente explodo. Tudo acaba. Viro pó.

(A cena dura um fechar de pálpebras)

A: Somos cobertos por uma imensa escuridão. Minha vida toda foi um sonho e só agora estou acordando. Seu sorriso me parece cada vez mais próximo.

B: Achei que você ficaria surpresa em me ver.

A: Sempre soube que ia te reencontrar.

140

B: Você imaginou que viria te buscar?

A: Pensar que não viria fez meu corpo doer.

Quero tocar seu rosto.

Eu me lembro dessa sensação. Esqueci muitas coisas.

Dessa eu me lembro. Adorava aqueles momentos.

Esse lugar é lindo.

B: O que imaginou?

A: Imaginei que estaríamos em lugar lindo.

B: Tão belo quanto o paraíso?

A: Você nunca acreditou em paraíso.

B: Continuo não acreditando.

A: Sonhei com esse momento.

B: Não tenho nada extraordinário para te dizer.

A: Então canta para mim?

B: Há anos não ouvia esse pedido.

A: Eu adorava quando você cantava para mim.

B: Você ainda lembra?

A: Como se fosse ontem. Acredita em mim, não?

B: Sim. Acredito em você.

A: Canta para mim?

B: Eu queria ter dito adeus.

A: Não queria ter visto você ir embora.

*A cena não acontece porque quando a arma dispara. Bla-
ck out*

Emanuelle Sotoski é atriz e pesquisadora teatral. Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná e membro fundadora da ACRUEL Companhia, de Curitiba. Seus espetáculos mais recentes são “As Ruas de Bagdá ou Aranha Marrom Não Usa Roberto Carlos” e “Espaço Outro”, ambos realizados pela ACRUEL. Nestes trabalhos, atuou nas funções de criação da dramaturgia, encenação e interpretação. Atualmente, trabalha no processo de criação do próximo espetáculo da ACRUEL, a peça “É Uma Vez e Para Sempre”, com estréia prevista para 2011.



Angélica Rodrigues **Colônia**

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Drama-
maturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim,
no ano de 2010}.

145



Angélica **Rodrigues**
Colônia

Aquele que fala: Não era apenas o cheiro do verão. Não era apenas o novo. Era leve e simples. Azul claro. Era apenas uma lembrança de uma terra de macacos. Saguis. Saguis invadiam nosso quintal. Não, não era apenas nosso quintal. Eram plantações de cana e antes da cana, os macacos. Não, não apenas macacos. Saguis. Um dia de 12 horas, apesar de não haver mais dia. Apenas 12 horas. Para mim era indiferente. É comum nessa região. Indissociável. Extremamente seca. Comum nessa região. A madeira é maciça. Foi o que te disseram? É comum nessa região. Cores, não há cores. Bate. Bate! Da melhor qualidade. Foi o que me disseram. Bate. Bate. Bate. Bate! Não... Chove. Extremamente seca, é comum nessa região. Afia-me. Mais fundo. Eu não quero. Mais fundo. Escroto. É comum. Temos o melhor material para irrigação. Você está extremamente seca. Afia-me. Eu não me lembro da última vez. O que posso fazer? Estamos nos consolidando. Você rompeu as trompas. Podemos melhorar isso. Temos o melhor material. É um achado, uma excelente aquisição. Você acredita em tudo. Tira até a última gota. Você acredita. Na TV eles colocam uma mandioca, é verdade. Você não acredita? Não? Na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza. Acredita.

Aceito. Eu quero um pouco de vodka. 50% pra cada. É uma mentira. Uma imensa mentira. Eles eram imberbes, eles sorriam, eles eram limpos, eles cheiravam a algo bom, algo desconhecido. Mas bom. Eu sinto medo por eles. Sabia que deveria guardar aquela imagem. Eu sinto medo por eles. Um excelente material. Será? Da melhor qualidade. Você não gosta mais disso. Você não gosta de carinho. Você sente nojo, não fala. Mas eu sei. Você não gosta. A culpa não é minha. Eu sei. Você sempre sabe. Claro, eu li o manual. Não temos mandioca. Eu só quero ver se funciona.

150

A areia era f

i

n

areia mais f

i

n

a entrava nos poros. Estava entre nossos dentes. Rangia. Antes do homem. Antes dos macacos. Antes da areia. Antes dos meninos, das meninas, do moedor de cana, do milho, dos dentes, da gengiva. Antes. Lemos. Eles não entenderam. Lemos. Eles não entenderam. Lemos

Lemos. Lemos. Lemoslemoslemoslemos.

LEMOS. LEMOS. Acho que gostei disso. Que bom. É pra você gostar. É pra você. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Eu fui. Por quê? Não sei. Você queria que eu fizesse o quê? Eu odeio você. Você é meu GRANDE amor. Eles reluzem. Eles cantam calmamente. Afia-me. Afia-me. Profundamente. Voa. Profundamente. É macio. É difícil no começo. Sempre é. Afia-me. Afia-me. Afia-me. É úmido. É extremamente seco. Rasga. Temos pequenas dívidas. Temos grandes dívidas. Temos as melhores dívidas. Não abala. Sólido. Firme. Endividados. Eles não nos suportavam. Compramos vários de outros. Tinham...não um cheiro de sal. Mas um cheiro de terra. Que se transformou em sal. Suor. Sangue. Eles eram bons. LEMOS. E ele dormiu cedo. Pare de inventar essas coisas. Pare! Você sabe que eu não posso. A água desliza sobre mim. A água me refresca. Me enferruja. Des

liza. Me mata. Mas eu vivo. O que vimos até agora não foi real. O que você quer dizer com isso? Eu estou indo. Quando foi isso? Há muito tempo. Escorria pelas mãos.

Você sabe E

s
c
o
r
ia

E

s

corria pelas nossas mãos.

Eu não estou mais aqui.

152

Você apenas não entende.

Quando foi isso?

Evolução. Industrial. Não, não tem haver com isso. Você
apenas não entende.

Monóxidos. Dióxidos.

Não, não é isso.

É que ás vezes

Ás vezes, eu grito bem forte pra lembrar de você.

As folhas mais verdes. Folhas que não poderiam existir
em lugar algum, a não ser lá. Aqui. Nos olhamos, 500

anos. Afia-me. Aspersão ou gotejamento? Irrigação por sulco. Irrigação por faixa. Irrigação por inundação. Eles morreram em sua maioria. O transporte era demorado, complicado e caro. MORRI.

Sais

o

lu

vei

s

Terra.

153

Eu só quero um pouco de estabilidade. É só nisso que você fala. Mais sódio ajudaria. Estabilidade. Viabilidade técnica e econômica. Fazia tempo que você não fazia. Fazia tempo que eu não me sentia assim

S

O

L

U

V

E

Leve isso, já é o suficiente. Você nunca sabe a hora de parar, esse é seu grande problema. Não, não é. É

sim. Não, não é. Isto não é um jogo. Isto é realidade. O que você chama de realidade? As cores do sinaleiro. As palavras aos poucos tornaram-se compreensíveis, eles não eram tão subdesenvolvidos quanto imaginávamos. Mas eles não trabalhavam como a gente. A gente que entendia de tudo. É o que você acha. Um manual idiota. Idiota porque você não entende? Devolva. Tem garantia. Garantia de quê? Como? Aos poucos os outros chegaram. E foram chegando cada vez mais. Salinidade. Técnicas. Mão de obra. Ocê num intendi nós. Entender? Nós num qué isso. Nós

Nau NAU Nau
Naufragamos. Tem pobre no céu, mãe? Nu céu tudu mundo é ingual. No sol, na areia, todos. Iguais. Cabelos escuros e pele queimada. Todos. Métodos econômicos mais sustentáveis. Era o que se diria da nossa relação. Você não entende, não procura entender ou não quer entender. Eu apenas não posso. Quando nós cresce as coisa muda, a gente... Você tem um cigarro? Isso? São os únicos que eu tenho. Eu te amo, você sabia? Du fundo da arma. Eu ispero o meió pru cê. BANG!

Morto.

BANG!

Morta.

Ameninasurdamorreue. BANG! BANG! BANG!
Odeio jornais. BANG! Parem, crianças! BANG! Parem! Por
favor! Parem. Eu não aguento mais. Nos conte a verdade.
Eu não aguento. A verdade! Ele está morto. Deus. Está
morto. Isso não faz sentido. Faria, se você fosse chinês.
Um manual com 30 idiomas menos o nosso. O que faz
sentido para você? Sentido? Abaixem as armas. BANG!
Eu estou dizendo. Por favor. Eu estou dizendo a todos.
Irmãos abaixem as armas. Abaixem as vozes. Abaixem
os preços. Abaixem as dívidas. Abaixem as calças.
Desfrutem. Tudo aqui é possível. Esse lugar

É O MELHOR LUGAR!

Você poderia ter me
consultado. Você disse que gostava. Você poderia ter me
consultado. Se você tivesse chegado na hora. Fale com a
minha secretaria. Vo-cê-tem-dois-re-ca-dos.

Estamos mortos. Séculos. Mortos. Esperamos.
Mortos. Avanços tecnológicos. Invencíveis.
Eu disse: Invencíveis. À prova de bala.

Um sistema único. Nós dois. Juntos. Sempre.
Um. Dois ou três meses e este terreno estará
pronto. Você promete? Não desista. Não desista.
Conseguimos. Por pouco tempo. Fugiram.
Partiram. Todos. Pés, mãos, calcanhares.
Não há chance de sobreviver. Eu queria tanto.
Tantotantotanto. Podemos tentar. Não. BANG!
Eu não quero mais. Mais uma chance. Uma
chance para **VOCÊ QUE
NÃO POSSUI
CASA PRÓPRIA.**

Uma chance. Corremos. Descalços,
famintos, corremos. Corremos.
O seu pai sabe disso? Você deveria
mostrar para ele. Eu conserto.
Eu prometo. Não se pode mais
acreditar nisso. Desligue. O quê?
Desligue. Não há mais chance.
Eu poderia ser sua mãe, sua
mamãezinha. Não chore.
Não doerá mais, querido.
Tudo isto graças à vocês.
Obrigado. Putas. Perfeitas.

Putas. Meu filho.
Grande acordo. É isso.
É o que nos resta.
Dor.
É
um sinal de vida.
ou
de
morte.

Chove

157

Chove

Chove

Chove

Chove

Chove

Angélica Rodrigues, nascida em Curitiba, no de 1987, é formada em Licenciatura em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná. Trabalha como atriz profissional, professora e diretora de teatro desde 2006. Também produz espetáculos em diversas cias. curitibanas. No ano de 2010 teve sua peça publicada pelo Núcleo de Dramaturgia SESI-PR, “A noite se foi ou O celibato do superman”.



ElianeKaras 6segundos

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Drama-maturgia SESI Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



ElianeKaras
6segundos

Mãe

Onde você esteve?

Filha

O telefone ficou ocupado horas.

Mãe

Arrume a mesa.

Filha

Tenho prova amanhã.

Mãe

Chamaram na escola.

Filha

Não fiz nada.

Mãe

Dane-se. Quem vai é seu pai.

Filha

Ótimo!

Mãe

Não me provoque.

Filha

Quero que você morra.

166

Mãe

Prova de quê?

Filha

Papai chegou.

Filho

Tem jantar prá dois?

Mãe

Oi, meu amor! Estou precisando da sua chave, deixe na

gaveta quando for embora.

Nora

A gente atrapalha?

Mãe

Nunca. Adoro meus filhos em casa.

Filho

E o papai?

167

Mãe

Pensei que era ele chegando.

Filha

Arrumei a mesa. Prá cinco.

Mãe

Os copos.

Nora

Trouxe um presente.

Filha

Não preciso de presentes.

Filho

Feiosinha, vem cá. Onde papai esconde aquele revólver?

Filha

Serviu direitinho. Obrigada.

Mãe

Depois do jantar podíamos ver um filme.

Pai

Filhos reunidos. Mesa pronta para o jantar. Boa noite querida!

Mãe

Meu primeiro beijo com um ano e dois meses foi com ele.
Fomos crescendo e me parecia tão natural que seríamos
marido e mulher. Temos lasanha.

Pai

Como vai o trabalho?

Filho

Só lasanha? Bem. Este mês faturamos bem.

Mãe

E alface.

Pai

Isso é que é ser feliz. Dinheiro no banco. Filhos
encaminhados. Daqui a pouco um netinho.

Mãe

Ligaram da escola. Sua filha anda contando umas histórias

estranhas.

Nora

1º. Round.

Pai

Não deve ser nada.

Mãe

170

Mais lasanha? Coca-cola?

Filha

Todas as noites deito cedo, com ou sem sono, e de olhos abertos, sonho com o dia em que estarei longe. Eu sei onde está o revólver do papai. Acho que o telefone está com defeito.

Pai

Foi o que pensei. Queria saber se precisávamos de pão.

Mãe

É tudo com que você se preocupa, se tem pão, se tem leite. Comprei à tarde.

Nora

Um cachorro. De orelhas grandes, caídas, arrastando no chão. Ela fala, fala, mas parece sempre ausente.

Mãe

171

Guardanapo? Sou mulher de um homem só. Nunca amarei mais do que um. As mãos dele deixam marcas fluorescentes no meu corpo. Embaixo do chuveiro, com água escorrendo, parecem riscos de neon.

Pai

O que é mesmo que vocês vendem?

Filho

De tudo. Eletrônicos, eletrodomésticos, tudo caro, importado, coisa de luxo. Design. Margem boa.

Pai

O porteiro disse que o carro estacionado na frente é seu.
Bonito carro.

Nora

Ele comprou prá mim.

Pai

172

Não é muito grande?

Mãe

Eu sempre sou a última. Ninguém me conta nada.

Filha

Você é que nunca vê nada. O que a professora quer contar
é que eu disse na escola que vou me matar.

Filho

Estamos pensando em ter um bebê. Por isso o carro
grande.

Mãe

Nem pensar, se me chamar de avó, não respondo. Não tenho idade. Jure que já estão pensando num bebê?

Filha

Ela não quer ser chamada de avó.

Pai

Uma criança. Primeiro conheci a mãe dela. Gostava de mim. Tenho uma filha bonita, quer ser meu genro? Ela sempre gostou muito de mim.

173

Mãe

Mamãe está morta. Papai morreu antes de eu nascer. Sua avó ia adorar.

Filho

Onde será que o velho esconde o revólver?

Nora

É o telefone tocando.

Filha

Eu atendo.

Mãe

Não! Deixa. Tele-marketing. É uma maldição.

174

Nora

Você fez Botox?

Mãe

Cala a boca, biscatinha. Eu estou muito melhor que você.

Presente de casamento. Ficou bom?

Nora

Ficou.

Filha

Eu sei quem está do outro lado da linha. Vou pro quarto.
Tenho prova amanhã.

Pai

Quer ajuda filhinha?

Filha

Quero. Só eu e o papai. Podíamos ser só nós dois.

175

Mãe

Vocês não ficam juntos tempo demais? Casal precisa respirar se não enjoa!

Nora

Não conseguimos ficar longe um do outro.

Filho

Mamãe nunca teve muita paciência. Pelo papai sim,
viveriam grudados.

Mãe

Agora ele tem sua irmã. Que resolva a carência com ela.

Nora

Ele trepa com ela?

Filho

Dor de cabeça!

176

Nora

Bonitinho ele estudar com ela. Aspirina?

Filho

Obrigado.

Mãe

Dois filhos gênios era sorte demais. A burrinha deprimida.

Puxou ao imbecil do pai.

Filho

Cadê aquele revólver do pai?

Mãe

Na caixa. Parece novo. Passa horas polindo aquele lixo,
me dá arrepios.

Nora

Nunca disparou? 177

Filho

Que se saiba...

Mãe

Seu pai? Não atira porque sabe que não vai acertar.

Nora

Mas te come bem?

Filho

Tem sobremesa?

Mãe

Não. Tua irmã está muito gorda.

Filho

Ela me parece tão magra. Viu o presente que trouxemos
prá ela?

Mãe

Não vai servir.

Nora

Sabia que se for um menino vai ter o nome do avô?

Mãe

Que avô? Você tem ido ao dentista? Precisa ver esse mau
hálito. Ele vai enfartar.

Pai

Tudo isso, filha?

Filha

Não tenho conseguido estudar. Quando tento me concentrar começo a ter pensamentos horríveis. Tenho medo de morrer, papai!

Pai

179

Que bobagem, minha filha. Não se morre assim tão cedo.

Filha

Morre sim. Outro dia morreu um garoto da 5^a. série. O carro esmagou a cabeça dele. Virou uma massa de sangue, cérebro e cabelo. A escola convocou todo mundo pro enterro. Eu cheguei bem pertinho, olhei bem. Nem parecia ele. Não conseguia parar de olhar. Fiquei ali ao lado do caixão. Todo mundo saiu de perto, eu fiquei. A professora me puxou pelo braço. Era bonito quando tinha

a cabeça inteira.

Pai

Quando foi?

Filha

Uns quinze dias.

Pai

180

Você não contou nada.

Filha

Quando eu cheguei você estava polindo o teu revólver.

Pai

Distrai.

Filha

Você vai matar a mamãe?

Pai

Quando você crescer te dou de presente.

Filha

Eu já cresci.

Pai

Não. Ainda não. Falta muito.

181

Filha

Você vai à escola?

Pai

Precisa?

Filha

Não.

Pai

Então eu não vou. Não diz nada prá tua mãe. Vamos

estudar.

Filha

Por que a mamãe não gosta de mim?

Pai

Gosta sim. Quando você nasceu até deixou de trabalhar.

Filha

182

É.

Nora

Vou ao banheiro.

Mãe

Por que você não me contou?

Filho

Do bebê?

Mãe

Do carro.

Filho

Ah! Decidimos do nada.

Mãe

Você está mimando demais essa putinha. Cuidado.

183

Filho

Ela é tudo prá mim.

Mãe

Tua irmã anda dizendo na escola que vai se matar.

Filho

Coisa de adolescente.

Mãe

Ela me vigia o tempo todo. Tenho a impressão de que ela

quer me pegar em falta, me acusar pro teu pai.

Filho

Você é perfeita mamãe.

Mãe

Era. Até ela aparecer na tua vida.

Filho

184

Ciumenta.

Mãe

Meu filho, eu sei o que é amar. Amar alguém cada minuto da sua vida. A falta queimar na garganta, torcer o estômago. Arranhar a própria pele de tanta saudade. Essa menina nunca vai te amar assim.

Filho

Somos felizes. Como você e o papai.

Mãe

Às vezes acho que ele sabe de tudo. Saio na rua e olho para trás sempre com um pouco de medo. E ele ali, polindo aquele maldito revólver na mesa da cozinha.

Nora

Que delícia o perfume do banheiro.

Mãe

185

Vou te comprar um. Perfume prá ambiente.

Nora

Tô cansada. Vamos?

Mãe

Já? Você vem tão pouco aqui.

Filho

Tchau, mãe! Dá um beijo neles!

Mãe

Tchau.

Filho

Vai estar aí amanhã de manhã?

Mãe

Não. Médico!

186

Filho

Tá. Beijo!

Mãe

A chave, filho! Preciso da tua chave! Merda...

Nora

Tua mãe é louca. Só falta insinuar que teu pai come a tua irmã.

Filho

Isso não. Você pode tudo. Mas não fala isso deles. Meu pai é gente boa. Minha irmã. Tadinha. Mamãe sempre preferiu a mim. Onde será que o velho esconde o revólver? Coisa boa. 38. Cano curto. Nunca deixou de limpar.

Nora

Tem certeza que não tem registro?

187

Filho

Não. O velho é certinho, mas é bundão.

Nora

Separei vários anúncios. Prédios bacanas. Dá uma olhada depois.

Filho

Amanhã. Hoje vou tentar fazer um bebê.

Nora

Combinado.

Pai

Boa noite, filha! Vai tirar 10 na prova.

Filha

Papai, se eu morrer você vai sofrer muito?

188

Pai

Quer um leitinho com bolacha? Está tão magrinha.

Filha

Obrigada, papai. Boa noite.

Pai

Vou tomar um banho e vou prá cama. Você vem?

Mãe

Depois. Tudo podia ter sido diferente. Os filhos nascem

defeituosos. Retardados. Inteligente. O mais inteligente sempre. A outra vive enfiada nos cadernos e nada. Quando você morreu eu pensei... acabou. Respirei aliviada. Finalmente eu ia ser feliz. Mas aí, essa menina nefasta na minha barriga. E dele. Meu amor longe e esse castigo dentro de mim. Praga sua. Tenho certeza. Saia daqui! Já disse que não quero você na minha casa. Vá embora.

Desculpe mamãe!

189

Primos irmãos! Não se atreva, se eu descubro qualquer intimidade entre vocês dois, eu te faço picadinho. Por que foi que eu aceitei? Podia ter fugido.

Tive medo.

Os filhos nascem defeituosos. Saia, não quero escutar mais nada. Vá embora.

Filha

Com quem você está falando?

Mãe

Com você, assombração. Sempre vigiando. Parece uma sombra pela casa.

Filha

Eu sei tudo.

Mãe

190

Sabe o quê? Que eu passo os meus dias resolvendo a sua vida, a do seu pai? Vai dormir menina idiota.

Filha

Você não merece o papai.

Mãe

Não. Eu não merecia. Venha cá. Um dia você vai me entender. Vai saber. Sentir.

Filha

Eu tenho vergonha do que você faz. Vou dar boa noite ao

papai.

Mãe

Vá, me deixe aqui. Monstrinha. Demônio.

Filha

Eu sei onde o papai guarda o revólver.

Mãe

Escove os dentes. Vai ficar frio de madrugada, pegue mais um cobertor. Não deixe a janela aberta.

191

Filha

Gelado... Podia me jogar... Sair voando... Quem é você?
Tadinho, todo arrepiado... O que está fazendo nesse frio...
Aqui em cima vento muito... Você não consegue voar?
Como você é bonito. Não fica com medo... Está vendo?
É minha mão... Ela não vai te machucar... Vai te salvar...
Pobrezinho... Tão assustado... Tão pequenininho. De
onde você veio? Um passarinho adulto. Você perdeu

alguém? Está doente? Vive sozinho? Cadeau. Vou te chamar de Cadeau. Cadeau é presente em francês. Você é meu presente. Vai viver aqui no meu quarto. Vou fechar a janela prá ficar quentinho. Não se assuste. Amanhã deixo a janela aberta, se você quiser pode ir, voltar prá sua casa. Como é que você dorme? Em pé? Precisa te cobrir? Estou tão feliz. Boa noite, Cadeau.

Filho

192

Olha, este é bom. Conheço este prédio. Os apartamentos são enormes, um luxo.

Nora

Vou comprar uma peruca nova.

Filho

Não dá prá tingir?

Nora

Boa idéia. Loira ou morena?

Filho

Vem cá, Corujinha, vamos tentar de novo...

Nora

Escolhe. Loira ou Morena. Assim não dá tempo nem dos seus espermatozóides se reproduzirem. Esqueceu o que o médico disse? Prá fecundação três coitos por semana.

Filho

193

Fico tão feliz que você queira um filho meu.

Nora

Mamãe falava horrores desde o momento em que papai cruzava a porta, falava, falava, gritava, ele não dizia nada. Depois de um tempo enchia ela de porrada. Deixava toda marcada. Ela vinha pro meu quarto de madrugada, me arrancava da cama e saímos de casa. No dia seguinte já estávamos de volta com o rabo entre as pernas.

Filho

Comigo é diferente, te encho de beijos. Marca só de tesão.

Nora

Vem cá, me come. Fodam-se os espermatozóides.

Filho

194
Não grita Corujinha. Somos um jovem casal de respeito.
O porteiro nos adora. O síndico me convidou pra fazer parte da administração do condomínio.

Nora

Ok! Baixinho! Eu sou tua putinha, me come, me come.

Filho

Como! Como! Putinha. Vagabunda. Piranha.

Nora

Eles brigavam na cama. Eu ficava sentada horas na porta

do quarto deles, morria de medo que ele a matasse.

Filho

Vira, vou te comer por trás.

Nora

Come, come. Ele apertava o pescoço dela. No dia seguinte ela punha gola alta. Mas contava prá todo mundo. Tinha prazer de mostrar as marcas. Aí! Não pára! Continua. Aí! Continua.

195

Filho

Putinha. Vagabunda

Filha

Mãe? Mãe? Telefone fora do gancho. De novo. Cadeau? Você ainda está aí. Vou ligar pro papai. Pedir uma gaiola prá você. Você comeu o pãozinho que eu te deixei? Fruta! Vem, vamos comer banana. Você gosta? Hoje aconteceu uma coisa estranha. Quando saí olhei a hora

no relógio da cozinha, depois conferi no meu celular. A mesma hora de todos os dias. Fui andando. As ruas tranquilas. Fui andando, andando. Quando cheguei ao colégio, não havia movimento nenhum. Tudo parecia parado, me aproximei do portão, não me deixaram entrar. Cadê a justificativa? Por quê? Atrasada. Atrasada? Olhei o relógio da portaria. Mais de uma hora atrasada. Olhei o meu celular. Não entendi, se eu saí na hora de sempre, fiz o mesmo caminho de todos os dias, não encontrei ninguém, não falei com ninguém, não parei, como? Tão estranho, eu parecia flutuar num vazio, sugada para o nada. Você está bem? Quer chamar alguém? Fiz meia-volta. Espere, melhor você entrar. Saí andando de volta para casa. Tomei muito cuidado, para não sair do caminho, prestei atenção para ver se reconhecia os lugares. Parecia que os meus pés não tocavam o chão. Que susto! O que você está fazendo?

Filho

Susto digo eu! Porra, você entrou tão silenciosa! Cadê a

mamãe? Vim falar com ela.

Filha

Mamãe nunca está em casa de manhã. Assim que eu e o papai saímos ela também sai. Será que ele mata mamãe quando descobrir?

Filho

Você não tinha que estar na escola?

197

Filha

Passei mal.

Filho

Escuta. Preciso de um documento, estou procurando nas coisas do papai.

Filha

Pode procurar.

Filho

Quando mamãe chegar, me chama.

Filha

Você também tem medo que o papai mate a mamãe?

Filho

198

Precisa lavar o cabelo, Feiosinha.

Filha

Dane-se.

Filho

Vamos ao cinema hoje. Quer vir?

Filha

Vai ficar pro almoço? Mamãe compra comida pronta e diz que foi ela quem fez. Mentirosa. Suja.

Mãe

Está falando com quem? Qualquer dia a minha paciência se esgota. Chegou cedo. Está com fome?

Filha

Quando eu for embora você vai se arrepender. Meu irmão está aí. Revirando as gavetas do papai. Estava aqui quando eu cheguei.

199

Mãe

Que barulho é esse? Quieta!

Filha

Nada.

Mãe

Quieta.

Filha

Não é nada.

Mãe

É passarinho. Incrível. Canto de passarinho. No meio de tanta buzina, criança berrando e um passarinho cantando. Está ouvindo? Desde menina não ouço um passarinho. Que saudade. De mim. Da minha vida.

Filha

Posso ficar com ele?

200

Mãe

Eu tinha certeza de que ia ser tão feliz.

Filha

É meu.

Mãe

Seu o quê?

Filha

O passarinho.

Mãe

Ficou louca? Onde você arranjou? Foi seu pai? Eu não acredito. Quem vai limpar merda de passarinho é seu pai. Prá mim chega. Pronto, a comida está aí, esquente se quiser.

Filho

Que foi mãe? O que é isso?

201

Mãe

Meu filhinho. Cansei. Depois que você foi embora minha vida acabou. Um dia eu sumo. Você vai ver. Essa louca da sua irmã. Pergunte prá ela.

Filha

Deixa ela gritar. Papai vai me trazer uma gaiola. Quer comer?

Filho

Quero. Lasanha de novo? Mamãe não cozinha mais?

Filha

Eu ia gostar de conhecer teu filho.

Filho

Não vai comer? Você tá muito magrinha. O filme é ótimo.

Quer vir?

Filha

202

Era melhor quando você vivia aqui. Tudo mais alegre.

Tenho medo que papai sofra. Não quero que você sofra.

Nem mamãe. Cuida deles quando eu não estiver aqui.

Filho

Por que você não vai lá prá casa de vez em quando? A

Corujinha gosta de você.

Filha

Vou dar um tiro na cabeça. São 6 segundos até morrer.

Filho

Escuta. Você sabe onde o papai guarda o revólver?

Filha

Preciso dele. Uso. Depois você leva.

Filho

Procura prá mim e depois me avisa? Come um pouquinho.

E pára de matar aula. Beijo!

203

Filha

Não fica triste, Cadeau. Antes eu abro a gaiola. Você tem
prá onde ir? Escrevo uma carta pro papai. Peço prá te
cuidar. Não deixa ele sofrer. Canta prá ele. Mamãe nem
vai ligar. A primeira vez que eu vi era pequena. Demorei
prá entender. Papai não gosta dele. Nem eu. A culpa é
dele. Por isso mamãe trata mal o papai. Será que ele
também se mata?

Mãe

O que é que você anda aprontando? Dissimulada. Ligaram da escola de novo. Eu vou lá. E eu acabo com você se estiver aprontando. Seu irmão nunca me deu problema. Essa cara de enterro. O que é que eu fiz prá você menina? Onde foi que eu errei?

Pai

204

Como assim?

Mãe

Fica dizendo prá amiga que vai se matar. A culpa é sua. Vive polindo essa porcaria. Dando idéia. Ela quer chamar atenção. A sua atenção. Quer que você goste mais dela do que mim.

Pai

Ela é tristinha. Mas isso é um exagero.

Mãe

A escola pediu providências. Acham que podem se meter em tudo. Eu não vou mais lá. Da próxima vez vai você. Aquela pedagoga idiota me olhava como se eu fosse uma irresponsável.

Pai

Vou falar com ela. Mas você podia ajudar. Um pouco de paciência.

205

Mãe

Meu filho veio aqui hoje. Fico preocupada com ele. Não confio naquela menina.

Pai

Você sabe que adolescentes às vezes cumprem o que prometem. Será que eu falo com ela?

Mãe

Isso. Faça o que ela quer. Encha de mimos. O melhor é

ignorar.

Pai

Tem um jantar marcado com o pessoal do escritório. Acho que você vai gostar, podia comprar uma roupa nova.

Mãe

Meu ursão. Quando é?

206

Pai

Sexta. Gosto de te ver feliz.

Filho

Procurei por todo canto. Não sei por que o velho mantém aquela arma.

Nora

Será que no fundo ele tem um instinto assassino?

Filho

Está falando sério?

Nora

Brincadeira, se alguém esconde alguma coisa é a sua mãe.

Filho

Você é que implica com ela.

Nora

Ela morre de ciúme de você. E a tua irmã?

207

Filha

Muitas vezes desejo que mamãe morra. Imagino como seria melhor sem ela. Sem os gritos. Depois quando ela fica boazinha, me arrependo. Eu sou má. Nenhum filho deseja a morte da mãe. Só eu. Papai, você já mentiu?

Pai

Como assim?

Filha

Contou mentiras, enganou alguém?

Pai

Não sei. Que tipo de mentira?

Filha

Mentira.

208

Pai

Mentiras não são boas. Mas depende. Mentiras
pequeninhas às vezes. Que pergunta minha filha!

Filho

Ela anda esquisita. Devia arrumar um namoradinho.

Nora

Convidou?

Filho

Convidei, mas você sabe como ela é arisca.

Nora

Não é só isso.

Filho

Ela sempre foi assim. Mamãe também implica com a Feiosinha. Você podia ganhar a confiança dela. Engraçado a gente sempre foi feliz e de repente.

209

Nora

Eu gosto dela. Eu olho prá ela e lembro de quando eu tinha a mesma idade.

Filho

Eu te faço feliz, corujinha?

Nora

Só você me faz feliz.

Pai

Querida, a gente vai se atrasar.

Mãe

Que tal?

Pai

Linda. Vamos? Que foi? Está passando mal?

210

Mãe

Quem é ela? Não pode ser.

Pai

Não é seu primo? Quer cumprimentar?

Mãe

Quando ele me viu paralisou. Ficou me olhando. Eu no meio daquela gente. Queria chorar. Gritar. E fiquei sorrindo, respondendo. Você está bem? Nunca estive. Será que você nunca percebeu?

Pai

O que foi? A comida te fez mal? Você viu como te olhavam?
Você era a mulher mais bonita da mesa.

Mãe

Cale a boca, imbecil! Como eu te odeio. Frouxo, corno.
Será que você não vê que foi corno antes de casar
comigo? Eu trepei com ele na manhã do nosso casamento.
E de madrugada “fiz amor” com você. Imbecil. Cheio de
cuidados. Não tenha medo. Está doendo? Ainda perguntou
se eu gostei! Não é você que eu quero, nunca te quis. É
ele. Ele.

211

Pai

O que foi isso? Um tiro?

Mãe

Eu estou falando. Você pode me ouvir? Uma única vez?
Eu estou te chamando de corno. Corno! Corno!

Pai

Cale a boca! Foi um tiro. Um tiro. Minha filha! Minha filha!
O que foi que você fez?

Mãe

Socorro! Socorro! Socorro!

Filho

212

Como foi isso?

Pai

Sua mãe estava nervosa. No elevador parecia que ia desmaiar. Falava, falava... No corredor... Ouvi o tiro. Corri. Ouvi muito bem o tiro. Fiquei nervoso. Muito nervoso. Demorei prá abrir a porta. Sua mãe ficou gritando. Gritando. Eu a segurei no colo. O sangue escorreu pelo corredor. Chegou a ambulância. Quem chamou? Preciso agradecer. Nem lembrei de agradecer.

Nora

Será que eles vão devolver a arma?

Filho

Tá louca? Você acha que eu vou ter coragem?

Nora

É. Tem razão.

213

Filho

Arrumamos outra.

Nora

Cuidado.

Filho

Não se preocupe.

Mãe

Disseram na escola. Mas quem iria imaginar. Uma menina

tão mimada. Tinha tudo.

Filho

E o papai?

Mãe

E eu? Você não quer saber como eu estou? O sangue dela no corredor. Seu pai cheio de sangue. Eu não consegui chegar perto. Alguém me tirou dali. Não paro de chorar. Às vezes por ela, às vezes por ele. Quando lembro dele naquela mesa com aquela garota, tenho vontade de gritar, gritar. Tão jovem. E ela ali morta. Minha filhinha com a cabeça destroçada. Seu pai disse que são 6 segundos até morrer.

Filho

São. Cerca de 6 segundos.

Pai

Eu gostava daquela arma. Uma distração, um hobby.

Comprei de um amigo que precisava de dinheiro. Ela ficava por perto olhando. Nunca disse nada. Era um pouco triste. Mas os adolescentes são assim não é?

Mãe

Não quero ser consolada. Esta dor me faz bem. Eu achava que seria morta por aquela maldita arma. Cada vez que ele polia aquela porcaria era como se me ameaçasse. Está vendo o que farei com você se descobrir?

215

Nora

E aí? Vamos encarar?

Filho

Você acha que dá conta?

Nora

Eu estou bem. Mas e você?

Filho

A vida continua, não é Corujinha?

Nora

Então, vamos lá. Já dei uma espiada no prédio. Liguei, falei com a empregada. Eu vou antes sozinha. Dou uma olhada. Combino um horário e vamos juntos. E aí pronto. Podemos até viajar, espairecer. Você está precisando.

216

Filho

Não posso. Mamãe está péssima. Chora sem parar. E o velho calado. Não fala um a.

Nora

Tá. Mas fique alerta. Não vá fazer besteira.

Filho

Ok! Ok!

Mãe

Nada valeu a pena. Estou cansada. Eu pensava que um dia ele ia dar um tiro no meio da minha cabeça. Eu me via morta no meio da cozinha. Isso eu nunca pensei. A cabeça destroçada.

Filho

Corujinha, não consigo dormir. Fecho os olhos e lembro dela.

217

Nora

Quando eu era menina tinha medo que mamãe morresse. Eu queria fugir, mas achava que ela morreria.

Filho

Com nosso filho vai ser diferente.

Nora

Você vai gostar de mim quando eu estiver barriguda?

Filho

Você vai ficar comigo para sempre? E se eu ficar impotente?

Nora

Uma vez encontrei meu pai na rua. Fiquei sem graça.
Não sabia como cumprimentá-lo. Estendi a mão. O
aperto de mão dele era mole. Perguntou fazendo o quê?
Trabalhando. Fazia três anos que eu morava sozinha, e
ele nunca perguntou meu endereço.

218

Mãe

Tira esse passarinho daqui. Está ouvindo o que ele diz?
Esse passarinho mente. Tira esse passarinho daqui.

Pai

Desde o primeiro dia eu voltava para casa achando que
você tinha ido embora. Quando abro a porta e te vejo é
um alívio.

Mãe

Ficou quieto.

Pai

Abri a gaiola.

Mãe

Imbecil! Feche a janela.

Pai

Eu sempre achei que meu amor era suficiente prá nós dois.

Mãe

Desde que aquilo aconteceu não o vi mais. Ele ligou. Chorou. Quer me ver. Tenho pesadelos todas as noites, com minha filha e com aquela garota. Minha filha me olha e a garota ri de mim.

Pai

Vi um apartamento. Bonito. Cheio de sol. Vamos mudar?

Mãe

Como é que vamos deixá-la aqui?

Pai

Eu não devia ter casado com você.

220

Mãe

O que você vai fazer se eu for embora?

Nora

É aqui. Espera. Antes tenho uma notícia prá você.

Filho

O quê?

Nora

Deu certo.

Filho

Você está brincando Corujinha. Não pode ser.

Nora

Um bebê. Tomara que seja um menininho.

Filho

Nossa família.

Pai

Escuta, preciso falar com você. É uma notícia. Nosso filho.

Ligaram de um hospital. Ele e a mulher. Casal bonitinho, simpático. Não levantavam nenhuma suspeita. Ele tão atencioso com a esposa. Faziam isso há um tempão. Chegavam no apartamento, nas casas, com a desculpa de ver um objeto à venda, um carro. Davam voz de assalto. Prendiam a família amordaçada no banheiro. Faziam a maior faxina, sabiam o que levar. Desta vez não deu certo. O dono da casa estava armado. Foram pegos de surpresa. Acertou primeiro ele. Ela em seguida. Ele morreu na hora,

ela na ambulância. A família vai se mudar. Não consegue mais viver no apartamento. Uma tragédia. Os assaltantes eram classe média. Família normal. Boas escolas. Quem diria, não é?

Nora

E quando eu estiver barriguda como é que você vai fazer?

222

Filho

Não tinha pensado nisso.

Nora

Um parceiro?

Filho

Não. Muito perigoso.

Nora

As despesas vão aumentar.

Filho

Só se for mulher.

Nora

Você tá louco?

Filho

O que funciona é o casal.

223

Nora

Podemos pensar em algo.

Filho

É, podemos. E o nome do bebê você já decidiu?

Nora

Penso o tempo todo. Quero um nome novo, sem nenhum passado. Vamos?

Filho

Vamos.

Mãe

Estou indo. Jura que você não vai ter ódio de mim?

Pai

Não.

224

Mãe

Você vai ficar bem?

Pai

Vou.

Mãe

Pode me ligar se precisar.

Filha

Ele concorda. Ela sai.

Eliane Karas atriz, professora de interpretação. Formada pelo Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra. Uma das primeiras participantes do Grupo Delírio de Curitiba.



FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ | FIEP

Edson Campgnolo

Presidente

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA | SESI | Depart. Reg. do Estado do PR

José Antonio Fares

Diretor Superintendente

Maria Cristhina de Souza Rocha | Gerente de Desenv. de Produtos

Anna Paula Zétola | Gerente de Cultura

Sergia Regina Chapelen Dubas Martins | Gerência de Cultura

Neiane da Silva Azevedo Andreato | Gerência de Cultura

Janaina Coelho Adão | Gerência de Cultura

NÚCLEO DE DRAMATURGIA SESI PARANÁ

Marcos Damaceno | Coordenação e Produção

Roberto Alvim | Orientação da Oficina Regular de Curitiba

Janaína Fukushima | Assistente de Produção

Elenize Dezgeniski | fotografia

Gabriela Mellão e Luciano Maza | Curadoria externa

CENTRO CULTURAL TEATRO GUAÍRA

Monica Rischbieter | Diretora Presidente

Mara Moron | Diretoria Artística

Walter Calabresi | Diretoria Administrativa e Financeira

BRITISH COUNCIL

Jim Scarth | Diretor do British Council Brasil

Eric Klug | Diretor do British Council São Paulo

Luiz Coradazzi | Diretor de Artes

Pedro Vargas | Gerente de Projetos

Malu Penna | Analista de Projetos

Catalogação

Pandita Marchioro

Projeto Gráfico

Maria Cristina Pacheco

Realização:



Parceria:



Apoio Cultural:

